

POBRE MENINA RICA

filme musical baseado na peça de Vinicius de Moraes

adaptação e roteiro de:
Chico Buarque e
Miguel Faria Jr.

direção musical de:
Antonio Carlos Jobim

músicas de:
Antonio Carlos Jobim
Carlos Lyra
Chico Buarque
Djavan

direção de:
Miguel Faria Jr.

Bastidores Produções em Arte Ltda.

EMBRAFILME - Empresa Brasileira Filmes S/A

SEQ. 1 - ext./dia - AMANHECER NAS PALAFITAS

Plano geral de uma palafita no subúrbio do Rio de Janeiro. O toque do surdo, lento e cadenciado, é seguido pouco a pouco por outros instrumentos de percussão sem um ritmo preciso.

Carioca sai espreguiçando-se de um barraco. Veste um resquício de uniforme de motorista de ônibus. Olha em sua volta. Outras figuras vão-se aproximando sorrrateiramente, como que obedecendo a algum plano clandestino. São silhuetas na madrugada, difíceis de se identificar.

Soma-se à percussão um arranjo de cordas e metais, sugerindo uma introdução algo sombria para o "Samba do Carioca".

O grupo caminha em direção ao pequeno embarcadouro. Agora já podemos distinguir o Poeta, um jovem mulato com um violão decrepito pendurado às costas. Em seguida, temos Nazaré, uma trintona bem vivida com o rosto muito pintado e uma maletinha na mão. Atrás dela vem Jackson, um garoto sem camisa, descalço e de shorts. Depois, Waldir, de calça escura e camiseta. E, finalmente, Mendonça, barbado e conseguindo estar mais malvestido que todos.

É quando explode o som do "Samba do Carioca" cantado em off.

VOZES

Vamos, Carioca

Sai do teu sonho devagar

O dia já vem vindo aí

E o sol já vai raiar

São Jorge, teu padrinho, te dê cana pra tomar

Xangô, teu pai, te dê muitas mulheres para amar

SEQ. 2 - ext./dia - 1a. SAÍDA DAS FAVELAS

Rua dentro da favela.

Grupo de favelados se juntando.

SEQ. 2-A - ext./dia - RUA DE ASFALTO

Outro grupo de favelados com favela ao fundo. (2 RUAS)

SEQ. 2-B - ext./dia - LADEIRAS (2)

Outro grupo de favelados descendo ladeira.

SEQ. 2-C - ext./dia - LADEIRAS / CIDADE

4 grupos de favelados chegando à cidade.

SEQ. 2-D - ext./dia - MORRO HOTEL PANORAMA

Grupo de favelados seguindo para o Hotel Panorama.

SEQ. 2-E - ext./int. / dia - HOTEL PANORAMA

Grupo de favelados ocupando Hotel Panorama

SEQ. 3 - int./noite - SALA PLÍNIO (JORNAL NACIONAL)

Reunião informal de jovens em salão modernoso de casa de luxo. O som de rock no toca-discos confunde-se com a voz de locutor na TV, apresentando o noticiário. Mordomo circula com bandeja. Rapazes e moças servem-se de uísque. Iluminados pela tela, cinco ou seis jovens prestam mais ou menos atenção ao telejornal. Entre eles está Plínio, este sim visivelmente tenso, apesar da namorada Marina que, de pilequinho e debruçando-se sobre ele, procura acalmá-lo ou desviar sua atenção.

PLÍNIO - Pára, Marina, pára! Deixa eu ver, pô...

VOZ DO LOCUTOR - A inauguração oficial do Rio Manhattan Flat, prevista para o mês de agosto, foi portanto precipitada pela ocupação de populares, sem maiores cerimônias ou solenidades. A nossa reportagem ouviu no final da tarde o gerente do empreendimento e sócio brasileiro da cadeia Manhattan Flat Internacional, Doutor Haroldo Benevides Maia.

RAPAZ - Olha aí o teu velho, Plínio!

PLÍNIO - Shhhh...

MARINA - Cara, teu pai ficou roxo ou é defeito da TV? (risos)

PLÍNIO - (afastando Marina e desafiando os amigos) - Muito engraçado! Boa! Eu vou morrer de rir é quando eles invadirem a fazendola do teu pai. E você tá rindo de que? Esses caras ainda vão fazer picadinho daqueles teus cavalinhos de raça. E o haras do teu pai vai virar churrascaria de rodízio. E o teu velho, onde é que ele vai enfiar aquela frota de ônibus frescão?

HAROLDO (na TV)... e inclusive é uma afronta que se repete em todo o país, esse desrespeito à propriedade privada, que inclusive é iniciativa de uma minoria, uma minoria sem escrúpulos, sem compostura e inclusive sem alvará. Onde é que estão as autoridades?

Plínio desliga o aparelho. Antes, porém, que a imagem se desfaça, o rosto inflamado de Haroldo pronuncia algumas palavras sem som que se fundem com o som de sua verdadeira voz, gritando o nome do filho em outro cômodo da casa.

HAROLDO (off) - Plínio, vem cá! Plínio!

SEQ. 4 - int./noite - ESCRITÓRIO DE HAROLDO - TELEX E LAREIRA

Plínio entra no escritório e encontra o pai diante do telex que não pára de vomitar um imenso rolo de papel batido. Sentado no chão junto à lareira, suadíssimo em seu paletó. Guarda uns papéis numa maleta e joga boa parte nò fogo.

HAROLDO - Plínio... (segue acompanhando a mensagem do telex) Meu filho, eu embarço agora à noite para Nova Iorque.

PLÍNIO - Mas, pai...

HAROLDO - Privada conferência... arranjos... evitar internacional conflito de interesses... traçar nova política... antes situação chegue a um ponto... ponto de não retorno.

PLÍNIO - Mas você tem brigar pelo que é seu, pai! Você disse que ia brigar até o fim!

HAROLDO - Claro, garotão, mas para continuar brigando eu tenho que ir lá em cima buscar incremento, subsídio, essas coisas... muito importante... preservar companhia, imagem... assimilando eventuais prejuízos... monetários.

PLÍNIO - Isso é uma grande sacanagem! Ninguém pode fazer isso contigo! O que é que você fez de errado?

HAROLDO - Fiz tudo certo, garotão. Só acontece que eles têm 99% do capital e estão me convocando para uma reunião. Quer que eu faça o que? Mando dizer que saí? Desligo essa merda? Cago pros gringos e fico aqui me expondo feito um babaca, feito um Tiradentes?

PLÍNIO - Não tá certo é enfiar o rabo dentro e se picar que nem judeu. Tá certo não, pai!

HAROLDO - Também não faz drama, garotão. Eu só estou te dizendo que vou dar um pulo em Nova Iorque, o tempo de sentar com os homens, tomar um martini e esperar para ver no que vai dar esta baderna. Depois eu volto cheio de moral e começo tudo de novo. Vamos encher isto aqui de apart-hotel. Rio Manhattan Flat, São Paulo Manhattan Flat, Salvador Manhattan Flat... (põe as mãos nos ombros de Plínio) Filho. Na pior das hipóteses, olha, o mundo é grande e a companhia também. Se me colocarem na Califórnia, em Monte Carlo, em Cingapura, é tudo Manhattan Flat, é tudo a mesma coisa. Daí eu mando te chamar.

SEQ. 4 - int./noite - ESCRITÓRIO DE HAROLDO - TELEX E LAREIRA
- continuação -

PLÍNIO - Eu tô muito bem aqui. (livra-se das mãos do pai)

HAROLDO - E que tal o Haiti, hein, garotão? Não é no Haiti que tem aquelas ondas, aquelas pranchas...

PLÍNIO - Havai, pai, Havai. Haiti é o cacete. (vai saindo)

HAROLDO - É tudo Manhattan Flat... Eu mando te buscar, filho.

PLÍNIO - Já disse que tô muito bem aqui.

HAROLDO - Plínio, o nosso contador vai te dar uma cobertura no que precisar. Tô me ouvindo, Plínio? Tem os imóveis, tem as ações... Plínio! (Plínio sai batendo a porta)
Falou, garotão? Garotão!

SEQ. 5 - int./noite - APARTAMENTO DO CARIOCA

Do corredor do edifício em construção, acompanhamos o movimento nos diversos apartamentos, um travelling que sugere passagem de tempo, pela semelhança entre os diversos compartimentos e pelo progresso qualitativo que se constata a cada tomada. Ruído de obras e do cotidiano praticamente abafam as falas eventuais.

No primeiro apartamento, três mulheres varrem o chão onde crianças jogam botão. Sobe poeira e crianças tosse. Mulher vem se aproximando da câmara, envolta em nuvem de pó que reluz contra o sol. Menino vem choramingando agarrado à vassoura.

MENINO - Pô, mãe, não varre o meu artilheiro...

No segundo apartamento, um fogão solta fumaça. Dois homens estão levantando um parapeito de tijolos, protegendo a sala do precipício. Através do vão ainda livre, três meninos mijam na paisagem.

MENINO - Ganhei! Ganhei! Mijei no Jardim de Alá!

No terceiro apartamento, televisão ligada para ninguém. Roupas no varal. Duas meninas dão banho numa boneca. Homem e menino pintam uma parede, dividindo-se as partes superior e inferior.

No quarto apartamento, dois homens colocam vidro na janela acima do parapeito. Duas crianças lambuzam-se com feijão. Mulher desembraça carapinha de adolescente vestida de domingo.

MENINA - Ai... Ai... Ai... Ai... Ai...

No quinto apartamento, penumbra. Uma colcha de cama tapa a janela. Na cama, jovem casal faz amor.

CASAL - Ahnnnn! Ai... Não... Faz... Assim... Não... Amor...

No sexto apartamento, escuridão total até que Jackson, trepado numa escaada, acaba de enroscar uma lâmpada no bocal do teto, iluminando tudo. É o apartamento do Carioca já praticamente montado decorado com um exagero de tapetes e cortinas coloridos, numa predominância de verde-e-rosa. Nazaré arranja um vaso de flores numa mesinha. Carioca, Poeta, Mendonça e Waldir vêm entrando com a cama de casal pela porta estreita.

CARIOCA - Pra trás.

WALDIR - Pra frente.

CARIOCA - Pra trás.

MENDONÇA - De lado.

NAZARÉ - Maria Moita vai cair pra trás.

CARIOCA - Pra trás.

WALDIR - Pra frente.

MENDONÇA - Pra direita.

PORTA - Agora!

SEQ. 6 - int./ext./dia - PORTARIA / TORRE

A turma vem caminhando pelo amplo saguão de entrada do ap., onde o inacabado, o improvisado e a decoração fundem-se num combinação insólita. Pelas paredes, aqui sem reboco, aveludadas adiante revestidas de mármore ou com encaçamento aparente, convivem cartazes, telas de autor, bandeiras, mulheres nuas, Virgem Maria, São Jorge, times de futebol, tudo.

Carioca vem na frente opondo resistência, fingindo timidez, sendo empurrado por Mendonça. Está com seu uniforme mais ou menos limpo e os cabelos engomaços. Nas mãos, um buquê de marias-sem-vergonha. Os outros também parecem mais asseados que antes, mas não muito. Na saída, mulher ensaboa o chão e homem limpa vidraça. A turma sai pelas ruas.

SEQ. 7 - ext./dia - RUA NOVA - continuação

WALDIR - Diz pra mim. 45.000? 300.000?

NAZARÉ - Hi hi hi hi hi hi hi hi hi...

CARIOCA - Mendonça, tu casa comigo?

MENDONÇA - Claro, Carioca.

CARIOCA - Poeta! Poeta!

SEQ. 8 - int./dia - QUARTO DE MARINA - MARIA ACORDA MARINA

Quarto escuro. Mal se distingue um vulto negro que caminha no quarto e cantarola

MARIA MOITA (cantarolando)

Tã na hora de acordar sinhazinha

Tã servido o seu café

Cê precisa labutar

Cê tem aula de balê

No último verso; Maria Moita abre a cortina num gesto brusco que ilumina o quarto de Marina. Esta, deitada na cama, tapa o rosto com o lençol.~

MARINA - Ahmm... Não enche, Maria...

MARIA MOITA (sempre cantarolando)

Cê tem língua pra estudar, sinhazinha

Curso para emagrecer

Creme para bronzear

Muita loja pra correr

Cabecinha pra tratar, sinhazinha

Telefone pra você

Namorado pra brigar

Vinho branco pra esquecer

MARINA - Pô, Maria, que saco! Que horas são?

MARIA MOITA (cantarolando e saindo do quarto)

Tã na hora de acordar, sinhazinha

Cê tem muito que fazer...

SEQ. 9 - int./dia - SALA/EUGÊNIO - EUGÊNIO E OLGA DISCUTEM

Maria Moita deixou o quarto de Marina e agora entra e sai na sala de jantar, preparando a mesa dos patrões. Olga está de pé, inquieta. Dr. Eugênio, sentado na poltrona, tenta ler o jornal cuja manchete diz: GREVES PARALISAM O PAÍS. Na mesma página, foto de empresário de óculos com subtítulo: Banqueiro denuncia: É o caos!

OLGA - Tudo isso é muito bonito, Carlos Eugênio. Agora eu só quero saber o que vai ser do seu consultório. Fecha as portas ou vira ambulatório do INAMPS? Hein? Hein?

EUGÊNIO - Táí, ambulatório, por que não? E policlínica, e assistência familiar, e medicina preventiva, e educação sanitária, é vergonha?

OLGA - Não, vergonha é aquele monte de diploma pendurado na parede. Pós-graduação não sei de onde, mestrado, especialização não sei de que, honra ao mérito, membro de academia, conferência, seminário, pra que?

EUGÊNIO - Pra você contar pras suas amigas, pronto!

OLGA - Que amigas? Só se fôr a Maria Moita. Minhas amigas estão é bem longe daqui.

EUGÊNIO - Ótimo, Olga, você precisava mesmo abrir os olhos pro mundo. Tem muita gente mais interessante por aí que você nem imagina. Outras rodas sociais, outros assuntos outro nível de necessidade, outra civilização mesmo!

OLGA - Por mim, tudo bem. Eu só queria ficar de sobreaviso. Se é pra virar mulher de médico dos pobres, deixa comigo. Entro pra Cruz Vermelha! Pra começar, vou-me livrar dessas jóias, olha aqui, pulseira, broche, não fica nem bem.

EUGÊNIO - Xiii, vai recomeçar a cena...

OLGA - Não fica nada bem, Carlos Eugênio. Se é pra conviver com a miséria, vamos nos desfazer de tudo. Adeus diamante, adeus bijuteria, adeus supêrfluo! Daqui pra frente, grampo é considerado ostentação!

EUGÊNIO - Tem nada a ver, Olga, meu bem...

OLGA - Sem Olga meu bem. Me chame de Madre Tereza de Calcutá! (na janela) Tchau, pulseirinha. Laralalaiá. Tchau, brilhantinho...

EUGÊNIO - Olga, não seja idiota!

OLGA - Tchauooooôôô... (cantarolando) "Chora, doutor, chora/Eu sei que o medo de ficar pobre apavora".

Eugênio levanta-se mas não consegue impedir que Olga atire sua

SEQ. 9 - int./dia - SALA EUGÊNIO _ EUGÊNIO E OLGA DISCUTEM
- continuação -

pulseira pela janela, soltando uma gargalhada estridente.

SEQ. 10 - int./dia - PORTARIA / EUGÊNIO - TURMA NA PORTARIA

A turma chega em frente ao prédio de Marina. Carioca é cercado pelos amigos. Waldir tenta dar um jeito em seu uniforme molhado de cerveja. Nazaré tenta consertar o buquê amassado. Mendonça dá-lhe uns tapas na cara, para despertá-lo, e passa cuspe em seus cabelos, para dar brilho. Jackson dá um brilho em seus sapatos. O Poeta vai entrando antes dos outros no hall do edifício. O zelador Num Dô, que estava olhando para o céu, dá um salto e intercepta o Poeta.

NUM DÔ - Épa! Épa, cavalheiro. Onde é que o senhor pensa que vai?

POETA - Nós vamos pra casa da Maria. Vamos, gente!

NUM DÔ - Que Maria? Maria de que?

POETA - Maria de que? Sei lá... É a Maria Moita... Ei, gente!

(abre a porta do elevador)

NUM DÔ - O senhor por favor queira desimpedir a porta...

POETA - O pessoal tá chegadinho, olha aí.

NUM DÔ - Cuidado, moço! Essa porta é capaz de ficar pantográfica!

Waldir, Mendonça, Nazaré e Jackson vêm empurrando Carioca que faz doce.

CARIOCA - Vocês acham que eu estou bem? Fala a verdade, Waldir!

WALDIR - Tá parecendo o Cary Grant no filme "Ladrão de Casaca".

MENDONÇA - Tá um doce.

NAZARÉ - Eu tô tão emocionada!

O grupo atropela Num Dô.

NUM DÔ - Cavalheiros, por favor, a entrada de serviço...

POETA - Vamos chegando, gente. Vamos chegando.

Entram os seis no elevador e fecham a porta, para desespero de Num-Dô.

NUM DÔ - Olha o excesso! Olha o excesso!

SEQ. 11 - int./dia - SALA / EUGÊNIO - TURMA COM EUGÊNIO

A campanha do apartamento toca insistentemente. Quando Maria Moita abre a porta, é uma avalanche humana sobre o seu corpo.

OLGA - Santo Deus, é assalto! Carlos Eugênio, chame a polícia!

MARIA - Carioca! É você!

CARIOCA - Mulher!

MARIA - Ah, danado, eu sabia!

Carioca levanta Maria Moita nos braços e rodopia pelo salão. O encontro é saudado com entusiasmo pelos companheiros.

EUGÊNIO - Meus amigos, um momento. Posso saber de que se trata?

MARIA - Ah, Dr. Eugênio, desculpa, sim? É que a emoção foi tão emocionante que nem sei, o senhor me perdoe... O Carioca é o meu... meu...

CARIOCA - Marido, eu sou o marido da Maria, doutor. Quer dizer, a gente se casa dia desses, né, Maricota?

MARIA - Jura?

EUGÊNIO - Claro, claro, eu entendo...

MARIA - É que o Carioca tava morando longe, meio que retirado, sabe, mas a gente se escrevia quase sempre...

CARIOCA - E agora eu tô me instalando aqui pertinho mesmo, tu precisa ver, Maria... Que suite!

MARIA - Jura?

NAZARÉ - O apartamento é um brinco, Maria!

MENDONÇA - Um lugar do rabo.

EUGÊNIO - Isso, assim é que é bom. Vai ficar fácil encontrar a Maria, sair com ela fim de semana, certo, companheiro? Ir a um forró, tomar umas e outras e coisa e tal, hein, malandro?

CARIOCA - Acho que o doutor não entendeu direito. Eu vim levar a Maria pra morar comigo.

MARIA - Jura, Carioca?

EUGÊNIO - Levar a Maria?

CARIOCA - Por que? Algum problema?

EUGÊNIO - Não, absolutamente, é que... É que... Claro, não tem problema nenhum, desde que a Maria esteja de acordo...

MARIA - Oh, Dr. Eugênio, muito obrigada. O senhor é tão liberal!

SEQ. 11 - int./dia - SALA / EUGÊNIO - TURMA COM EUGÊNIO
- continuação -

EUGÊNIO - Certo, claro, Maria... Deixa a Olga saber disso...
Olga! Olga, sabe da novidade? Acho que ela foi pro
quarto, ela estava indisposta... Chama a patroa pra
mim, Maria, quer dizer, deixa que eu chamo... Vocês...
Vocês não querem se sentar?

CARIOCA - A gente não queria incomodar...

EUGÊNIO - Ora, que isso, fiquem à vontade.

CARIOCA - Eu nem apresentei os amigos, olha aí, Mendonça, Wal-
dir, a Nazaré mais o Jackson, tudo amigo da família,
esse aí é o meu afilhado, Vinicius, homenagem ao gran-
de poeta.

EUGÊNIO - Satisfação, Satisfação. Eu vou chamar minha mulher...
pensando bem... Ah, vocês querem saber duma coisa? Va-
mos deixar de frescura! Com sua licença Carioca, eu
vou mandar sua esposa pra cozinha, pela última vez.
Bota água naquele feijão, Maria, joga umas carnes na
panela e capricha no refogado que nós vamos promover
uma grande feijoada democrática! Olga! Olga, meu bem...
(sai cantarolando) "Mulher, você vai gostar/ Tô chama-
ndo uns amigos pra conversar/ Eles vêm com uma fome..."

Waldir e Nazaré esparramam-se no sofá. Mendonça vai pesquisar o
barzinho sobre rodas. Poeta, seguido de Jackson, fica paquerando
o ambiente. Pára diante de um poster com a foto de uma menina pro-
vocante em sua malha de jazz. Carioca sai andando atrás de Maria
Moita, roçando seu corpo no dela.

SEQ. 12 - int./dia - COZINHA / EUGÊNIO - MARIA PREPARA A
FEIJOADA

Carioca e Maria Moita enroscam-se na cozinha.

MARIA - Aqui, não meu amor, aqui não.

Beijam-se ardentemente. Maria tenta livrar-se de Carioca. Vai até o fogão, remexe o caldeirão, Carioca ataca por trás. Maria escapa até o armário, pega a pimenta, perde o avental, escapa novamente, ajeita a saia, corre para a geladeira, pega a linguiça, ganha um chupão no pescoço, volta ao fogão, fica com os peitos de fora, joga as carnes na frigideira, um beijo na boca, um paio no chão, foge, escorrega na orelha de porco, é dominada no chão, morde a boca dele, levanta-se, sobe na pia, é alcançada, e assim vai rolando a sacanagem e o número musical.

SEQ. 13 - int./dia - QUARTO DE MARINA - POETA NO QUARTO DE MARINA

Poeta passeia à vontade pelo quarto de Marina. Alisa uma almofada bordada com o nome dela. Percorre as fotos dela grampeadas na parede, nas mais diferentes situações e em diferentes idades. Senta-se na cama, pega um porta-retratos com a foto de Plínio, recoloca na mesinha de qualquer jeito. Marina entra no quarto enrolada numa toalha, os cabelos molhados. Tem um rápido sobressalto mas logo se recompõe, fingindo naturalidade.

POETA - Cheirinho bom, o seu quarto... É o seu quarto, né?

MARINA - Era.

Silêncio quase constrangedor. Poeta assobia, não sai muito som. Marina folheia os cabides e tira do armário duas calças jeans. Fica olhando uma e outra, compenetrada.

POETA - Não vai à praia não? Tá de rachar.

Marina suspira, estala a língua, joga as calças na cadeira e abre uma gaveta. Retira um short, fica examinando não se sabe o que e vira-se para o poeta. Encara o Poeta, segurando o short com as duas mãos.

POETA - Oi.

Novo silêncio pesado. Poeta baixa os olhos, dando a impressão de que agora vai perder a pose. Apanha uma calcinha amarrotada no chão.

POETA - Olha. Você tava procurando? Deve ser sua...

Marina faz uma cara impaciente e começa a vestir o short por baixo da toalha. Poeta vira-se para a janela, como se fosse um lorde.

POETA (cantarolando) - "É que eu gosto tanto dela/ Que é capaz dela gostar de mim..."

Poeta arma uma cara de galã apaixonado e volta-se para Marina, que no entanto, está de costas, terminando de abotoar a blusa.

POETA - Acho que eu esqueci de me apresentar... Meu nome é Vinicius

MARINA - Hummmmmmm.

POETA - Vinicius, nome bom. Nome de poeta.

MARINA - Hummmmmmm.

POETA - Muito prazer.

EUGÊNIO (off, batucando na porta) - Marina, te apressa que nós temos visita.

SEQ. 14 - int./dia - SALA / EUGÊNIO - ESPERANDO A FEIJOADA

Estão todos muito à vontade na sala do apartamento. Mendonça, coçando o saco, Jackson, deitado no tapete, Nazaré, sentada no colo de Waldir. Chega Carioca, braguilha aberta, equilibrando meia dúzia de copos de caipirinha.

CARIOCA - Caipirinha de vigorosa. Vodka polonesa, de respeito!

WALDIR - Ai, Mendonça, conta a cena pro Carioca, conta!

MENDONÇA - Contar pra que? Pra voces ficar mangando da minha cara? Eu não... (todos riem, exceto Mendonça)

WALDIR - O Mendonça tava contando da última vez que ele almoçou. Quando é que foi mesmo, Mendonça?

MENDONÇA - Ah, que é que interessa? Foi lá pra 82, 83, sei lá, foi no ano da supergincana...

CARIOCA - Que é que tu foi fazer na gincana, Mendonça?

MENDONÇA - Fui como atleta, tá bom? Atleta convidado da Escuderie Bilu... Bilu Mum. Lá na Lagoa, tá bom?

Todos riem muito. Eugênio vem chegando discretamente, sem querer interromper a brincadeira.

MENDONÇA - Não tô dizendo? Não se pode falar sério nesta espelunca!

WALDIR - Tá todo mundo muito sério, Mendonça! Continua, vá...

MENDONÇA - A rapaziada da Bilu Mum me convocou pra essa modalidade aí na supergincana deles. Tinha que comer 12 bisnaga de pão, 24 banana da terra, 2 pacote de creme craque e uma coca-cola família morna, em 3 minutos...

CARIOCA - E tu conseguiu, Mendonça?

MENDONÇA - O que? Inda comi a prerrogação que era goiabada peixe e queijo de minas. Tá certo que depois devolvi tudo no Miguel Couto, com lavagem das tripas e o diabo. Mas enquanto o rango assentou lá dentro, valeu... Rapaziada boa, essa da Bilu Mum, uns moço muito cheio de humanidade... Não sei onde é que eles foi parar, caralho...

Gargalhada geral. Dr. Eugênio pigarreia. A turma se recompõe.

EUGÊNIO - Ora, que isso, fiquem à vontade. O papo tava animado, vamos! Façam de conta que eu não estou aqui.

MENDONÇA - Mixou o papo há muito tempo.

CARIOCA - A feijoada já tá no ponto, doutor. Quando a madame quiser, nós traça.

SEQ. 14 - int./dia - SALA / EUGÊNIO - ESPERANDO A FEIJOADA
- continuação -

EUGÊNIO - Sim, é o seguinte, a Olga mandou pedir mil desculpas, mas ela realmente está muito indisposta...

OLGA (irrompendo na sala, muito sorridente, num vestido esvoaçante que contrasta dolorosamente com os trapos do pessoal) - Que nada, Carlos Eugênio, eu estou ótima! E nem morta eu iria perder essa chance de conhecer outras rodas sociais, outros assuntos, outra civilização, não é mesmo, senhor...

CARIOCA - Carioca, meu nome é Carioca.

OLGA - Carioca, olha só, não me diga que é o senhor o noivo da nossa Maria! (dá uma bicada na caipirinha de Carioca)

EUGÊNIO - Ele mesmo, querida...

OLGA - Lógico, a Maria tem um olho que só ela. Ela sabe muito bem onde é que se esconde o melhor filê... A senhora... Senhorita...

NAZARÉ - Senhorita, sim. Nazaré a seu dispor...

OLGA - A meu dispor, que maravilha!

WALDIR - Waldir, muito prazer.

OLGA - Muito prazer, Olga... Ah, que graça de garoto. Não vai dar um beijo na tia?

JACKSON - Jackson ...

OLGA - Jackson é ótimo! E o senhor... Ah, o senhor eu aposto que já conheço de algum lugar...

MENDONÇA - Mendonça, prazer.

OLGA - Mendonça... Mendonça... Hmm. Acho que já nos vimos no Jockey Club... (bica a caipirinha de Mendonça)

MENDONÇA - Pode ser... eu corro lá quase todo domingo.

EUGÊNIO - Ahn, sim, não está faltando um? Ah, claro, olha ele aqui com a Marina. Vocês já se conhecem? Pessoal, essa aqui é a minha filha, Marina. Olga, este é o ...

VINICIUS - Vinicius, sim senhora...

OLGA - Ah, Vinicius, belo nome... Nome de diplomata.

Maria Moita vem entrando com uma travessa cheia de carnes gordurosas.

MARIA - Nazaré, dá uma mãozinha aqui, dá! Carioca, vai buscar o caldeirão, anda! Marina, meu bem, você não quer abrir a cervejinha?

SEQ. 15 - int/dia - SALA / EUGÊNIO - FEIJOADA - continuação

Mulher que fala muito perde logo seu amor

NAZARÊ (fazendo coro e aprovando)

Mulher que fala muito perde logo seu amor

MARIA (cantando, agora já acompanhada de contrabaixo e ritmo)

Deus fez primeiro o homem.

A mulher nasceu depois

Por isso é que a mulher

Trabalha sempre pelos dois

O homem acaba de chegar, tã com fome

A mulher tem que olhar pelo homem

E é deitada, em pé, mulher tem é que trabalhar

CARIOCA (somando-se ao coro e aprovando)

E é deitada, em pé, mulher tem é que trabalhar

MARIA

O pobre acorda cedo

Já começa a trabalhar

O rico acorda tarde

Já começa a resingar

Vou pedir ao meu babalorixã

Pra fazer uma oração pra Xangô

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

TODOS (de boca cheia, marcando o ritmo com os pés no chão)

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

MARIA

ÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

MARIA

ÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

Todos repetem o refrão, batendo os pés no chão com violência. No ta-se que Marina Já está mais solta. Mendonça canta sonolento. Waldir e Nazaré cantam com entusiasmo, Olga não canta mas exhibe um sorriso plastificado, tipo D. Dulce Figueiredo. Jackson canta colado a Eugênio que simpatiza com o garoto como se fosse adotá-lo. Do bolso da calça de Eugênio uma carteira gorda começa a cair.

POETA

Eu vou pedir agora ao Carioca por favor

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

POETA

Eu peço pra Maria que um marido batalhou

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

POETA

Com todo o meu respeito, vou pedir ao "seu" doutor

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

POETA

Eu peço pra madame não ficar borocochô

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

POETA (sorrindo para Marina que é obrigada a corresponder)

Com os olhos revirados, peço pra minha fulô

TODOS

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou.

SEQ. 16 - int./dia - APTº GRINGO - CAI REBOCO

No andar de baixo, um casal está de malas prontas para viagem. Ele é um executivo holandês e ela é uma senhora amulatada de cabelos oxigenados e vestido também. Além das malas, vêem-se pela sala souvenirs tropicais e grandes caixotes com adesivos indicando "frágil". O casal parece muito nervoso, sobretudo porque a repetição do refrão ~~a~~ batida sincronizada dos pés, no andar superior, sacodem o lustre e ameaçam rachar o teto. De fato, um pedaço do reboco cai aos pés de Num Dô que entra e sai, carregando a bagagem.

HOLANDES - Assim não está possível! Isso estive demais! Não pôde estar possível assim!

TODOS (off)

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

Pra por pra trabalhar gente que nunca trabalhou

O coro acaba abafado pelo ronco crescente de um helicóptero.

SEQ. 17 - ext./dia - FRENTE EDIFÍCIO /EUGÊNIO - HELICÓPTERO

Um helicóptero está acabando de pousar na calçada do edifício, fazendo muito esporro e atraindo dezenas de curiosos. A hélice vai ralentando e já vemos Num Dô que carrega nas costas um caixote imenso e o acomoda dentro do aparelho com a ajuda do piloto. Jackson junta-se aos curiosos, na maioria moleques estropiados. Num Dô vem trazendo outro volume. Agora vemos Marina saindo do prédio, apreciando a cena à distância. Parece que ela procura alguém. Vinicius vem logo atrás, apreciando Marina. Chega Num Dô com mais um caixote. O holandês vem em seguida, acompanhado da mulher. Dá gorgeta para Num Dô que agradece com uma reverência. A hélice do aparelho começa a girar, levantando poeira. O público aplaude. Marina ri da cena e Vinicius ri do sorriso de Marina. O holandês dá a mão cavalheirescamente para a mulher subir. Ela olha para a hélice e resiste. A hélice acelerando, levantando areia. Num Dô chega correndo e enfia um berimbau no helicóptero. O holandês puxa a mulher pela mão. Ela empaca, faz que vai sentar no chão. Os curiosos começam a rir e assobiar. Do ponto de vista da mulher, aquela multidão descamisada, barulhenta e suja de areia representa uma ameaça tão terrível quanto o próprio helicóptero. O suor e as lágrimas desmancham sua pintura, produzindo uma máscara grotesca. Ela corre os olhos por aqueles rostos assustadores até encontrar o rosto de Marina, tábua de salvação.

MULHER - Menina, eu te conheço do elevador! Você é minha amiga, essa menina! Você sabe que eu não gosto muito de Amsterdam Lã, eu não tenho ninguém!

Assustada, Marina recua dois passos, protegendo-se instintivamente atrás do Poeta. A hélice dispara. A mulher põe as mãos na cabeça para abafar o ruído, para não ver nada e para a peruca não voar. O holandês arrasta a mulher. O público faz mais esporro.

MULHER (gritando para Marina) - Eu ia até sair no Salgueiro!

O holandês empurra a mulher pela bunda e afinal consegue encaixá-la no helicóptero, entrando em seguida. A multidão aplaude e vaia. O helicóptero começa a decolar, fazendo um barulho infernal.

SEQ. 18 - ext./dia - FRENTE EDIFÍCIO/EUGÊNIO
MARINA COM POETA / MÃE GRITA

O ronco do helicóptero começa a se distanciar.

MARINA (falando para si própria) - Tá todo mundo indo...

POETA - O que?

MARINA (alto) - Eu disse que tá todo mundo indo!

POETA - Ahn, sei... Eu também acho você muito linda.

MARINA (encarando o Poeta) - Escuta aqui.. (dando com a cara son
sa de Poeta, desarma-se e sorri abertamente pela primeira
vez) - Escuta, você não tem mesmo nada pra fazer?

POETA - Hoje não. Você também? A gente podia dar umas voltas...

MARINA - Olha, cara, eu tô esperando o meu namorado e a ficha
dele é a seguinte: dá dois de você, fica nervoso com fá
cilidade e coleciona espingarda, tá bom? Então eu te
aconselho a procurar a tua turma.

POETA - Ih, moça, desculpa, hein? Eu não podia saber... Desculpa
eu ter falado contigo, viu? Desculpa eu ter te achado uma
gracinha, viu? Desculpa também eu ter entrado na tua casa
no teu quarto, sentado na tua cama, e por falar nisso eu
acho que a tua mãe tá indisposta outra vez...

Ouvem-se gritos de mulher ao longe. Marina e Vinicius olham para
cima.

OLGA (off) - Brinco... colar... merda...

MARINA - Pô, de novo?

JACKSON (gritando) - Poeta! Ei, Poeta, vem ver! Tá chovendo pedra
lá no fundo! Chocante, Poeta! Corre aqui!

SEQ. 19 - ext./int./dia - SERVIDÃO EDIFÍCIO/EUGÊNIO . APTº NUM DÔ
POETA FLAGRA NUM DÔ

Poeta vai até Jackson, faz-lhe sinal de silêncio e caminha na ponta dos pés em direção aos fundos do terreno. Jackson segue Poeta feito uma sombra. Marina finge indiferença, espia os dois, consulta o relógio e acaba cedendo à curiosidade, seguindo Jackson. Poeta aproxima-se de Num Dô que está paralisado numa posição exdrúxula, de cata-cavaco mas com os pés afastados e virados para dentro. Poeta percebe que Num Dô está contendo as pérolas de um colar partido que brincam no chão e ameaçam cair nos ralos. Poeta solta uma gargalhada. Surpreendido e envergonhado, Num Dô muda de posição lentamente, com medo de perder uma peça. Caminha devagar para o seu apartamento de fundos, as mãos em concha contra o peito, protegendo as pérolas. Uma última pérola caprichosa, porém, vem rolando na calha de chuva e cai aos pés do Poeta. Poeta cata a pérola solitária e corre atrás de Num Dô, sempre rindo, seguido de Jackson e Marina em tom de molecagem. Num Dô chega antes e tenta bater a porta com um golpe de bunda, mas Poeta consegue travá-la com o pé

NUM DÔ (gritando, mas gritando baixo) - Não dou, não dou nada, eu vi primeiro, é tudo meu!

POETA (imitando a voz rouca de Num Dô) - O senhor por favor queira desimpedir a porta...

NUM DÔ - Não dou, não dou, já disse que é tudo meu.

POETA - Claro, claro, "seu" Num Dô, é tudo teu. inclusive essa bichinha aqui...

Poeta exhibe a pérola. Os olhos de Num Dô se acendem, mas ele não tem mãos para apanhá-la.

POETA - Não é uma belezinha? É a mais redondinha de toda a família. Num Dô está quase babando. Finalmente cede e deixa o Poeta entrar. Poeta deixa uma fresta na porta, propositalmente, permitindo que Jackson e Marina assistam à cena que se segue.

SEQ. 20 - int./dia - APTº NUM DÔ - O TESOURO DE NUM DÔ

O apartamento de Num Dô consta de um cômodo só, sombrio, como que iluminado à luz de uma só vela refletida nos metais. Há uma parede coberta de latarias. Num canto, uma espécie de altar entre medieval, rosacruz, maçom, positivistas e espírita. Num Dô coloca as pedras sobre uma mesa, puxa a gaveta e escorre-as para dentro. Olha para o Poeta quase com langor.

NUM DÔ - Agora dá.

Poeta certifica-se de que Marina o assiste. Poeta faz doce. Faz mágica. Põe a pérola na boca, mastiga, engole, tira a pérola do ouvido, equilibra a pérola no nariz enquanto Num Dô fala.

NUM DÔ - Eu tô aqui há quarenta anos, "seu" moço, não cheguei ontem que nem o senhor. Tudo o que eu juntei foi suado, é fruto de muito serviço, muita privação, muita humilhação, seu moço, muita dor nas costas. Então eu lhe peço para devolver a minha pérola. Eu peço encarecidamente, eu suplico mesmo, eu não me incomodo nem de ajoelhar, mas eu preciso da minha jóia...

POETA - Xi, homem, pára com isso. Vai chorar, vai?

NUM DÔ - Se o senhor quiser eu também choro, moço, mas me dá a minha pérola.

POETA - Dou, dou, porra! Pra que é que eu vou querer essa bolota?

Poeta não perde de vista a sua pequena platéia ali na fresta. Pisca o olho, faz bocas, dá um show, mata a pérola no peito, recolhe-a na barra da calça.

NUM DÔ - Por isso mesmo é que eu tô pedindo. Pro senhor ela não vale nada, é bolota. Mas pra mim, olha... (arranca a gaveta e mostra as jóias todas para o Poeta) Eu nunca mostrei antes, pra ninguém! Olha, tá tudo aqui, a minha vida tá inteirinha aqui (sacode a gaveta tilintando as jóias). Cada pedrinha dessas tem uma história, cada uminha quer dizer um monte de coisas pra mim. Às vezes eu sonho que estou contando elas e chamando elas pelo nome e elas me atendem. Então, essa bolota que o senhor diz, ela é um pedaço novo da minha vida, é mesmo uma peça nova pro meu sonho, pra que é que o senhor vai querer ficar com ela?

Poeta consulta a platéia discretamente e dá um peteleco na pérola, como se fosse uma bolinha de gude, acertando-a na gaveta. Num Dô re

SEQ. 20 - int./dia - APTº NUM DÔ - O TESOURO DE NUM DÔ
- continuação -

coloca a gaveta bruscamente e apóia o corpo contra ela.

NUM DÔ - Pronto. (pausa) Pronto, mais alguma coisa?

POETA - Não, nada. Eu sô continuo não entendendo pra que é que serve esse brilhareco todo.

NUM DÔ - Não serve pra nadá! Pra nada! Você é muito novo, menino, não conhece o mundo. Você tá pensando que a vida é uma coisa que a vida não é. Tá pensando que mendigo pode subir no elevador social e isso não é verdade. Tá pensando que um homem realizado tem que morar nos fundos duma ser vidão e isso também não é verdade. Tá pensando que o meu tesouro é uma bosta, que as minhas jóias são bolota, que uma pérola é caroço que se cospe da janela e isso nunca foi verdade. Em qualquer lugar do mundo um homem rico chega e fala bem alto: eu sou rico, eu pago! E todo mundo respeita, tira o chapéu e baixa a cabeça. (enquanto fala, Num Dô abre um cofre e retira notas de dólares que abana no nariz do Poeta) Em qualquer lugar do mundo mendigo vive esorraçado, se escondendo nos esgotos que nem ratazana. Isso não é bom nem ruim, nem justo nem injusto, isso é a verdade. Não adianta você vir aqui dar nó na ver dade, virar ela do avesso, pintar de abóbora, botar a ver dade de cabeça para baixo, não adianta. A verdade é a ver dade, sempre foi assim e assim vai ser, em qualquer lugar do mundo. Eu sei o que tô falando porque também já fui po bre, miserável, ratazana, comendo chambão, pedindo uma es molinha de pérola pelo amor de Deus. E assim eu juntei fortuna. Agora que eu juntei fortuna em libra, dólar, mar co, florim e pedra preciosa, vem você dizer que o meu pa trimônio não vale nada? (Poeta começa a dedilhar seu violão) Vocês tão loucos! Todos vocês! Inteiramente loucos! Fiquem sabendo que eu sou quase milionário! E em qualquer lugar do mundo um homem do meu quilate vai chegando e gr ta: eu sou milionário, eu compro tudo, eu pago em dólar! E o povo todo respeita, afrouxa o cinto e baixa as calças

Poeta começa a cantar "Sabe Você", acompanhado apenas do violão.

SEQ. 20 - int./dia - APTº NUM DÔ - O TESOURO DE NUM DÔ
- continuação -

POETA

Você é muito mais que eu sou
Está bem mais rico do que eu estou
Mas o que eu sei você não sabe
E antes que o seu poder acabe
Eu vou mostrar como e por que
Eu sei, eu sei mais que você

Sabe você o que é o amor?
Não sabe, eu sei
Sabe o que é um trovador?
Não sabe, eu sei
Sabe andar de madrugada
Tendo a amada pela mão?
Sabe gostar, qual sabe nada
Sabe não

Poeta escancara a porta com um pontapé, iluminando a toca de Num DÔ. Ao ver Marina, Num DÔ se esconde. A orquestra cresce com a cena iluminada. É olhando para Marina que o Poeta canta agora.

POETA

Você sabe o que é uma flor?
Não sabe, eu sei
Você já chorou de dor?
Pois eu chorei
Já chorei de mal de amor
Já chorei de compaixão
Quanto a você, meu camarada
Qual o que, não sabe não

Poeta sai do apartamentinho seguido de Jackson e Marina. Quando a letra da música se refere ao ladrão, Jackson sorri amarelo e aprova cinicamente. Apalpa o relógio sob a camisa, conferindo o objeto furtado.

POETA

E é por isso que eu lhe digo
E com razão
Que mais vale ser mendigo
Que ladrão
Sei que um dia há de chegar
Isso seja como for

SEQ. 20 - int./dia - APTº NUM DÔ - O TESOURO DE NUM DÔ
- continuação -

Em que você pra mendigar
Só mesmo amor

Poeta segue cantando com prazer crescente, como que deleitando-se com a própria voz. Jackson assiste com tanta admiração que chega a mover os lábios acompanhando a letra. Nisso, os dois não percebem que Marina se afastou correndo.

POETA

Você pode ser ladrão
Quando quiser
Mas não rouba coração
De uma mulher
Você não tem alegria
Nunca fez uma canção
Por isso a minha poesia
Ha, ha, você não rouba não
Ha, ha, você não rouba não
Ha, ha, você não rouba não
Sabe você o que é o amor?

O último verso é especialmente dedicado a Marina. Poeta procura-a com os olhos e não a encontra. Só vê Jackson, parado, de queixo caído.

SEQ. 21 - EXT./DIA - RUA - PLÍNIO E MARINA BRIGAM

Marina corre no calçadão da praia atrás do carro esporte em baixa velocidade. O carro pára, Marina alcança a janela do motorista, parece que fala alguma coisa, gesticula, o carro arranca, Marina corre, o carro pára. Marina Alcança.

MARINA - Pára com isso, Plínio, eu tô cansada!

PLÍNIO - Me fez esperar feito um palhaço, agora vai ter que correr. (arranca)

MARINA - Plínio! Me espera! Você tá louco, Plínio? Que é que te deu?

PLÍNIO - Fala a verdade! Onde é que você tava metida esse tempo todo?

MARINA - Que tempo todo? Eu tava conversando com papai, me atrazei, pô!

PLÍNIO - Não quer dizer, né? (arranca)

MARINA (correndo) - Eu já disse, Plínio! Plínio! (alcança) Deixa de ser cretino! Pára com isso! Essa viagem do teu pai te botou maluco?

PLÍNIO - É me botou de saco cheio (arranca)

Desta vez Marina não corre, fica olhando. O carro de Plínio, que arrancou com ímpeto, freia de estalo dez metros adiante. Plínio põe a cabeça para fora do carro.

PLÍNIO - Corre, Marina! Vem!

Marina, com os olhos vermelhos, mais de ódio que outra coisa, sai andando devagar na direção oposta. Plínio dá marcha à ré. Marina apressa o passo. O carro se aproxima. Marina corre. Plínio passa de ré por Marina e abre a porta.

PLÍNIO - Marina, vem cá! Olha o que eu tô te falando!

Marina atravessa a rua. Plínio engata primeira e vem atrás. Marina corre e atravessa o canteiro. Plínio fica atravessado na pista. Marina some entre os edifícios. Plínio segue avenida a fora.

SEQ. 22 - int./dia - GALERIA / FLIPPER

Carioca, Maria Moita, Nazaré, Mendonça e Waldir vêm caminhando por uma galeria. Mendonça caminha apoiado em Nazaré. Waldir anda de costas, excitadíssimo, fazendo mímica para os amigos.

WALDIR - Daí, quando dá meio-dia em ponto, o Gary Cooper ajeita o chapéu e sai na rua. A rua tá deserta, aquele silêncio, só a música, mas a música é do filme, não é de verdade, então é aquele silêncio, aquela poeira e o Gary Cooper vem andando assim, devagar mas peitudo...

NAZARÉ - E a mocinha?

WALDIR - A Grace Kelly? Ah, ela tá lá dentro, toda encagaçada. O Gary Cooper passa andando assim pelo armazém, pelo saloon e vai chegando na estação com as mãos já em posição de sacar. Aí, na hora do duelo, pára tudo, pára até a música que era do filme e...

NAZARÉ - E aí?

Waldir dá de cara com o cinema todo fechado, portas e janelas de ferro tapando a entrada e as vitrines. Waldir fica desconcertado, apalpa aqui e ali, procurando uma forma de abrir a porta. Vai ficando nervoso, começa a dar pontapés.

WALDIR - Merda! Quem fechou essa merda?

CARIOCA - Calma, Waldir, calma.

Carioca abaixa-se e desarma a tranca com um estilete. Eles levantam a porta e vão entrando.

SEQ. 22 - int./dia - CINEMA

Waldir à frente. Ele encontra seu uniforme num cabide da bilheteria. Veste o paletó, acende a lanterna e faz entrar os convidados. Lá dentro, a sala vazia. Mendonça deixa-se cair numa poltrona, carregando Nazaré consigo.

NAZARÉ (às gargalhadas) - Quero ver o final! Quero ver o duelo!

Carioca e Maria Moita acompanham Waldir até a cabine. O aspecto geral é desolador. Waldir olha em volta, encontra uma pizzas amontoadas, amassadas, enferrujadas. Tira de uma delas um rolo de filme pela metade. Acende o projetor com nervosismo e inépcia. O filme aparece na tela, um filme antigo, de cabeça para baixo. A música sugere algum romance. Carioca e Maria Moita colam-se os olhos, narizes achatados, à luz do projetor. Waldir sai andando pela sala com sua lanterna acesa. Na última fila, Mendonça e Nazaré parecem dormir, seus corpos enlaçados.

SEQ. 23 - int./noite - BOITE

No interior de uma boite de luxo, uns poucos casais dançam na pista ao som de Sinatra. Alguns granfinos conversam nas mesas. Numa delas vemos Marina com o Dr. Eugênio e D. Olga, ele envolvendo-a com um braço, sussurrando em seu ouvido, como um jovem apaixonado uma rosa vermelha dentro de um copo. D. Olga parece ter bebido além da conta. Derrama o copo com a rosa e serve-se da garrafa até entornar. Marina parece alheia, tomando uma caipirinha e olhando para o outro lado. No outro lado surge o Poeta, sorrindo, sondando o terreno, tendo um chapéu colorido como complemento à sua habitual indumentária. Atrás do Poeta vem vindo Jackson, devagar - ele que está sempre a mil - num caminhar diferente, como se mancasse de ambos os pés. Poeta faz-lhe um sinal de aprovação com o polegar Jackson faz meia-volta e sai caminhando mais torto ainda. Só agora notamos que Jackson está usando sapatos, pela primeira vez na vida sapatos novos e de bico fino. Jackson assobia com os dedos na boca da porta da boite. Entram Carioca e Maria Moita, de braços dados. Entra Mendonça de paletô novo sobre a roupa de sempre, sem sapatos Entram Waldir e Nazaré com roupas reluzentes que não lhes caem bem Entram mais algumas figuras excêntricas, como a preta velha desdentada. agora em vestido longo de cetim. Ficam todos relutantes, apertados contra a porta, fazendo cerimônia. Poeta levanta-se e indica-lhes suas mesas, já fazendo-se dono da situação. Chega Canário e sua turma. Abraçam-se com Poeta.. Vai chegando mais gente, um turbilhão de vagabundos. Vagabundo vai perdendo a timidez, começa a ocupar a pista. Jackson arrasta-se até a cabine de som. Mexe nos discos e nas fitas. De repente, sai Sinatra e entra nas caixas o som de samba rasgado. Carioca sai dançando com Maria Moita. Nazaré tira Waldir para dançar. Jackson puxa pro samba, mancando, uma granfina que estava saindo do banheiro. Mendonça vai tirar D. Olga para dançar, com elegância. Dr. Eugênio coloca uma nota na mão estendida de Mendonça. Mendonça agradece, guarda a nota no bolso e tira D. Olga. Dr. Eugênio fica inquieto, seguindo a mulher com os olhos por toda a pista. Olga tropeça. Mendonça também. Marina ri. No meio da pista, granfino dá um safanão em Jackson, que dançava com sua mulher. Waldir ameaça atracar-se com o granfino. Zum-zum no salão e risco de conflito generalizado. Pára a música. Poeta sobe no pequenino palco com seu violão novo.

POETA - Calma, minha gente, calma no Brasil. Aqui estou eu, finalmente, atendendo a inúmeros pedidos, para cantar a melodia que embalará os vossos conturbados corações. Poeta começa

a cantar "Conturbados Corações".

Após uma introdução um tanto tumultuada, o lirismo e a sensualidade da canção conseguem arrefecer os ânimos mais exaltados. Carioca e Maria Moita entram no clima e começam a dançar de rostos colorados. Granfino sai dançando com sua garota, Jackson fazendo caras para ela, às costas dele. Waldir dá um arrocho em Nazaré e os dois saem dançando tipo gafieira romântica. Dr, Eugênio e D. Olga dançam de olhos fechados, do que se aproveita Marina para corresponder aos olhares apaixonados do cantor. Poeta pára de cantar e vai ao encontro de Marina. Ela deixa sua mesa e os dois se juntam no centro da pista. A melodia de "Conturbados corações" prossegue instrumental. Poeta e Marina dançam, os olhos nos olhos. Dançando flutuam até a porta. E saem dançando do Hippopotamus.

SEQ. 24 - ext./noite - RUA DOS BEIJOS

Segue em off a melodia de "Conturbados Corações". Quando Marina e Poeta saem à praça, encontram uma cidade modificada. Nem a eufória que se esboçava no início nem o mistério da cidade vazia. Parece que agora toda a cidade e seus cidadãos estão impregnados de música. Casais vão-se formando, abraçando-se e beijando-se, caminho da praia. Poeta e Mariña escolhem uma transversal mais discreta, passando por casais encostados nas árvores, cachorros em cõpula, gatas no cio. Ao cruzarem uma esquina mais escura, o susto: Um grupo de uns quinze rapazes muito penteados, de roupa esporte, porém rígidos, unidos em torno de suas motos, com faróis acesos empalidecem ainda mais seus rostos. A canção de amor termina num acorde sinistro. Marina esconde o rosto com impacto no peito do Poeta, empurrando-o em direção à rua. Um farol ilumina os cabelos de Marina. Um rapaz aproxima-se.

RAPAZ - Ei, você... Acho que eu te conheço...

POETA - Que isso? Que é que você quer?

RAPAZ - Não se mete, escurinho. Tô falando com a garota...

MARINA (olhando para o rapaz) - Eu não te conheço!

RAPAZ - Tem certeza que não? Eu te manjo de algum lugar...

POETA - Olha, rapaz, ela já disse que não te conhece...

RAPAZ - Eu não falei contigo, ô vagabundo!

POETA - Quem é vagabundo?

MARINA - Vamos, Vinicius, vamos!

Marina puxa Vinicius para o meio da rua. Vinicius, meio encarando o rapaz, deixa-se puxar.

RAPAZ - Vagabundo é você mesmo, vagabundo e porco!

O rapaz puxa uma corrente. O resto do seu grupo vem chegando, acuando Vinicius e Marina para a outra calçada.

POETA - Vagabundo e porco? Quem é vagabundo e porco?

MARINA - Vem, Vinicius, corre!

Neste momento Jackson abre um hidrante na rua. Ducha de água fria cai sobre os Caveirinhas que fogem correndo. Casais encostados começam a dançar como uma fotografia que começa a se movimentar. A música vai para primeiro plano e casais dançam. Marina e Poeta somem entre os bailarinos. Aliviada, Marina sorri e acaricia o rosto de Vinicius.

SEQ. 25 - ext./noite - PRAIA

Poeta e Marina brincam, empurram-se, abraçam-se dentro d'água. Saem de mãos dadas para um canto de praia mais isolado e deitam-se. Marina ameaça Poeta com as mãos cheias de areia. Poeta salta sobre ela, prendendo seus pulsos contra o chão. Marina ainda debate seu corpo deitado sob o dele, mas ele consegue imobilizá-la e é claro que ali mesmo eles se amam etc e tal. Amanhecer no horizonte realça a silhueta do casal.

SEQ. 26 - int./dia - APTº CARIOCA - PAU DE ARARA NO HOTEL

Movimento no apartamento. Waldir está no alto de um andaime com la ta de tinta, broxa e pincel. Carioca está polindo com palha de aço Mendonça está ajeitando uma árvore de Natal. Jackson faz embaixadas com bola de borracha,

CARIOCA - Boa, menino! Agora capricha na canhota, vai! Ponta-direita moderno tem que trabalhar com os dois pés.

WALDIR - Se acertar minha samambaia eu furo a bola, moleque...

CARIOCA - Levanta a cabeça! Tem nada que olhar pra bola. Tu olha nos cornos do teu marcador e deixa os pés fazer o serviço

NAZARÉ (gritando alto) - Não dá trela a vagabundo, Jackson! Pega os caderno e te manda pra escola! (atira uma pasta e some)

CARIOCA - Não sei por que mulher tem tanta bronca de bola. Não tá vendo que o filho dela nasceu pra craque...

MENDONÇA - Ela tem razão, Carioca. Se o garoto segue a carreira do pai, pode chegar a ponta-direita do aspirante do Bangu. Depois acaba motorista de onibus...

CARIOCA - Se o menino puxa ao pai, vai aprender a ler pra que? Pra ler legenda de filme americano, grandes coisas...

WALDIR (cantarolando) - Toma que o filho é teu/ Não senhor/ Toma que Deus lhe deu/ Não senhor/Toma que o filho é teu...

MENDONÇA - Tu também não fala muito, ô Waldir, que o outro dia o guri tomou umas biritas e ficou troncho igualzinho ao pai.

WALDIR - Pô, Mendonça, Tu podia dar um presente à Nazaré e assumir o filho seus logo duma vez!

MENDONÇA - Filho seus... Assume você, Papai Noel! Assume você que emprenhou ela e não fez mais picas na vida.! (atira longe o pincel) Pensa que eu não te vi arrojando ela no cinema?

CARIOCA - Cê tem andando tão nervoso ultimamente, hein, Mendonça? Que é que te deu? Era um sujeito atento, cabeça erguida, um líder, presidente do sindicato dos lanterninhas! Agora que o patrão se mandou pra América, parece que tu ficou sem pai nem mãe!

Poeta vem chegando. Cruza com Jackson e troca uns passes. Atrás dele vem vindo um nordestino, Pau-de-Arara, sua mulher grávida, Mãinha e treze filhos. Poeta vem bem disposto, apesar das olheiras e da roupa amassada, suja de areia.

SEQ. 26 - int./dia - APTº CARIOCA - PAU DE ARARA NO HOTEL
- continuação -

POETA - Olha aí, gente, surprise pra vocês! Canta aí, companheiro!
Canta aí, companheiro! Ficou tímido agora?

PAU DE ARARA (canta com a viola, mulher e filhos na percussão)

Eu um dia cansado que estava
Da fome que eu tinha
Eu não tinha nada
Que fome que eu tinha
Que sêca danada no meu Ceará
Eu peguei e juntei uns restinhos
De coisas que eu tinha
Uma calça velha e uma violinha
E num pau de arara toquei para cá
E de noite eu ficava na praia de Copacabana
Zanzando na praia de Copacabana
Dançando um xaxado pras moças oiá
Virgem Santa, que a fome era tanta
Que nem voz eu tinha
Meu Deus, quanta moça
Que fome que eu tinha
Mais fome que eu tinha
No meu Ceará (segue ponteando a viola)

PAU DE ARARA - Ei, Floriano, Deodoro, Prudente, Epitáfio, Venceslau
tudo pra dentro!

CARIOCA - Péra aí, Que isso?

PAU DE ARARA - É só por uns dias, "seu" moço. Eu já tô de volta pra
minha terra. Mas antes de largar de vez o Rio de Ja-
neiro, quero gozar dessa boniteza, ah, isso eu quero
Nem que seja de vingança dos fim-de-mundo que vivi
aqui.

CARIOCA - Tu tá certo, Pau de Arara. Mas será que tu não encontra
uma vaga mais adiante? Tem o jardim Botânico, que é tão
fresco, a Tijuca...

PAU DE ARARA - Ah, não. Eu jurei porque jurei por meus treze filhos
que ainda ia morar no metro mais quadrado do mundo,
né, Mãinha? Aqui, no coração dessa Ipanema.

CARIOCA - Mas tu é bem folgado, hein, Pau de Arara!

PAU DE ARARA - O senhor fique tranquilo que nós não vai ficar muito
tempo estragando a paisagem, não senhor. Getúlio Pri-
meiro, Eurico Gaspar, Getulinho, Washington Luís,
tudo pra dentro!

SEQ. 26 - int./dia - APTº CARIOCA - PAU DE ARARA NO HOTEL
- continuação II -

CARIOCA - Olha, meu irmão, infelizmente não vai ser possível. Aqui já tá lotado. Não pode ir invadindo assim um edifício ocupado na legalidade:

PAU DE ARARA - O que? Eles não quer deixar, Mãinha! Eles não quer deixar, meus filho. Eles diz que cês são muito feio

A mulher e os filhos começam a cantar em uníssono.

MÃINHA E FILHOS

Nhãõ, nhãõ, nhãõ, nhãõ, nhãõ, nhãõ, nhãõ, ...

POETA - Pô, Carioca, não é justo isso...

MENDONÇA - Tá parecendo um zelador...

WALDIR - Muito me admira o Carioca, paladino da justiça social, defensor dos oprimidos, líder da classe, quando arruma um cafofo pra morar, vira polícia. Fecha as portas e diz: isso é meu, isso é meu, isso é meu...

CARIOCA - Tá certo, tá certo. Vocês vão morar comigo, dormir na minha cama com Maria Moita, não falta espaço, tudo bem...

PAU DE ARARA - Pra dentro, Juscelino...

POETA - Escuta, ninguém precisa brigar por causa disso. Eu tive uma idéia melhor.

SEQ. 27 - int./dia - PORTARIA / EDIFÍCIO EUGÊNIO
PAU DE ARARA NA PORTARIA

Pau de Arara e sua família vêm chegando ao prédio de Marina, para desespero de Num Dô, sempre ao som da viola. Atrás deles, o Poeta.

PAU DE ARARA (cantando)

Puxa vida, não tinha uma vida
Pior do que a minha
Que vida danada
Que fome que eu tinha
Zanzando na praia pra lá e pra cá
Quando eu via toda aquela gente
No come-que-come
Eu juro que tinha
Saudade da fome
Da fome que eu tinha no meu Ceará
E aí eu pegava e cantava
E dançava o xaxado
E só conseguia porque no xaxado
A gente só pode mesmo se arrastar
Viiirgem Santa, que a fome era tanta
Que até parecia
Que mesmo xaxando
Meu corpo subia
Igual se estivesse querendo voar

NUM DÔ - Um momento, cavalheiro! Isso aqui não é feira da providência, nem barraca de folclore!

PAU DE ARARA - O que? Não vai deixar a gente entrar? Olha aí,
Mãinha, olha aí, meus filho, ele disse que ocês...

MÃINHA E FILHOS - Nhão, nhão, nhão, nhão, nhão, nhão...

POETA (passando à frente) - "Seu" Num Dô, a gente vai dar uma espiada naquele apartamento abandonado.

NUM DÔ (recuando) - Que apartamento abandonado?

POETA (avançando) Ora, você sabe! Bem debaixo do doutor. Não vai dizer que já ocuparam o apê do gringo...

NUM DÔ - Ah, o imóvel do "seu" Vanderloque? (recuando) Tá à venda.

POETA (avançando) Ha, ha, ha, à venda? É mesmo?

NUM DÔ (já encostado na porta do elevador) - À venda, sim senhor...
E só aceita dólares.

POETA (abrindo o elevador) - Ótimo. Tem aqui uma família de fora que tá muito interessada.

PAU DE ARARA - Entra, ô Jânio! Que isso, Jango, nunca viu elevador? Tira o dedo da boca, Kennedy!

SEQ. 28 - int./dia - APTº GRINGO - PAU DE ARARA NO APTº

Estamos agora no aptº abandonado pelo holandês, ainda com cascas de gesso e um resto de lustre no chão. Poeta está debruçado na janela assobiando para o alto.

PAU DE ARARA (cantando)

Me disseram que no Ceará
Tã nascendo uma planta
Que brota na pedra
E que serve na janta
E que morto levanta
E faz mudo falar
Oxalá essa roça verdeje
E se espalhe a semente
E que os filhos dos filhos
Dos filhos da gente
Assente os fundilhos
No meu Ceará

Terminada a música, Poeta já está com metade do corpo para fora da janela, assobiando sugestivamente.

SEQ. 29 - int./dia - SALA/EUGÊNIO - PLÍNIO C/MARINA E PAIS

Plínio está sentado no sofá do aptº. de Marina, tendo ao lado D. Olga de robe de chambre. Em poltrona mais distante, Dr. Eugênio com sua pasta de médico e com vontade de ir embora. Marina toma café com leite na mesa, morrendo de sono.

PLÍNIO - Não sei se a Marina está interessada, mas eu, como amigo da família, achei até que era meu dever passar aqui.
(pausa) Papai me mandou esse telegrama ontem à noite. Bem, o que ele diz em linhas gerais, acho que vale para todos nós...

EUGÊNIO - Nós quem, menino?

PLÍNIO - Nós nós, ora, as pessoas normais, pessoas mais esclarecidas...

OLGA - Não seja grosso, Carlos Eugênio! O Plínio se deu ao trabalho de vir aqui e você começa com interrogatório... (ouve-se assobio do Poeta)

EUGÊNIO - Que diabo de assobio é esse?

MARINA - Plínio, você não ia ler o telegrama?

PLÍNIO - Ia sim, mas parece que você não está nem aí!

MARINA - Tô aqui, tô aqui...

OLGA - Plínio, meu bem, você toma alguma coisa? Maria, traz um gelinho e uísque!

MARINA - Tem Maria nenhuma, mãe...

OLGA - Ah é, hoje nós estamos sem empregada, Plínio, deixa que eu mesma...

EUGÊNIO - Não vamos começar com uísque a essa hora, Olga! Quando nada, para não dar mau exemplo pro menino.

PLÍNIO - O telegrama é o seguinte... (ouve-se assobio do Poeta) O telegrama diz assim: Plínio meu filho escrevo com coração aflito tralalá isso não interessa... Pessoas muito influentes tenho conversado manifestam crescente pessimismo situação nosso país ponto.

OLGA - Não estou dizendo, Carlos Eugênio!

PLÍNIO - País considerado caso perdido exceto urgente enérgica reação forças responsáveis livre imprensa... (ouve-se assobio do Poeta) Qualquer hipótese aconselho desfazer bens melhor oferta falar contador ponto. Mais não digo devido possível censura comunicações ponto.

POETA (cantarolando off) - "Se você quer ser minha namorada/Ai, que linda namorada/Você poderia ser..."

PLÍNIO - Proximamente estarei África do Sul gerente Johannesburg Manhattan Flat ponto.

SEQ. 29 - int./dia - SALA/EUGÊNIO - PLÍNIO C/MARINA E PAIS
- continuação -

POETA (cantarolando off) - "Se quiser ser somente minha..."

PLÍNIO (mais e mais nervoso) - Espero querido filho não esquecer
contador beijos Haroldo

POETA (cantarolando off) - "Exatamente essa coisinha/Essa coisa
toda minha/Que ninguém mais pode ser..."

PLÍNIO (levantando-se) - Resumindo, a coisa toda está ficando insu-
portável! Dr. Eugênio, o senhor desculpe a
invasão. D. Olga muito obrigado por tudo,
eu vou indo. Marina ...

MARINA - Fala, meu bem...

PLÍNIO - Não é nada não. Tchau...

MARINA - Eu desço contigo, Plínio...

POETA (off, cantarolando) - "Voce tem que vir comigo em meu cami-
nho..."

PLÍNIO - Precisa não, Marina. (vai saindo)

MARINA - Deixa de bobagem, Plínio!

POETA (off, cantarolando) - "E talvez o meu caminho seja triste pra
você..."

MARINA - Espera, Plínio!

SEQ. 30 - int./dia - APTº GRINGO - PLÍNIO E MARINA C/POETA

Plínio entra apressado no apartamento ocupado pelo Pau de Arara. Marina vem logo atrás, tentando contê-lo. Os filhos do Pau de Arara estão brincando pelo chão. Mãinha varre. Pau de Arara toca sua viola, acompanhando com muita dificuldade o canto do Poeta, este debruçado na janela.

POETA (cantarolando) - "E você tem que ser a estrela derradeira..."

PAU DE ARARA - Boniiiiiiiito, sô.

POETA (cantarolando) - "Minha amiga e companheira..."

PLÍNIO - Tá falando com quem, Silvio Caldas?

POETA - Hein? Como é? Ah, Marina, você acordou?

PLÍNIO (para Marina) - Conhece o seresteiro?

MARINA - Eu?

PLÍNIO - Eu perguntei se você conhece a figura!

MARINA - É... de vista... Vi ele cantando outra noite...

POETA - Me viu cantando? Ô, Marina, não seja modesta...

MARINA - Tava cantando na boite... Ah, Plíniô, você precisa ver, ele canta paca!

POETA - Sabe, Marina, eu não ia te acordar! Eu fiquei pensando muito depois daquilo tudo...

MARINA - Deixa eu te apresentar aqui...

POETA - ... que foi tudo tão bonito, que loucura...

MARINA - Você conhece o meu noivo? O Plínio vai me levar lá de novo pra gente te ouvir...

POETA - Ahn...

MARINA - Não é, meu bem?

Marina beija o rosto de Plínio que continua invocadíssimo. Poeta vai dizer alguma coisa, engole seco, sai.

SEQ. 31 - ext./noite - RUA - POETA DESCONCERTADO

Poeta caminha pelas ruas do Rio, sem rumo. "Primavera".

SEQ. 32 - int./noite - MARIA COM NAZARÉ

Maria Moita caminha aflita em seu apartamento. Ouve uns passos no corredor e abre a porta.

MARIA - É você, Carioca?

POETA - Hein?

MARIA - Poeta... Que cara é essa, rapaz? Teve com a moça de novo?

POETA (sem parar) - Tô com sono, Maria, tô sem dormir...

MARIA - Teve com a Marina, Poeta? Ela é uma boa menina...

POETA (indo para o seu apartamento) - Sei... Boa noite.

MARIA - Boa menina mesmo, Poeta. (Poeta fecha a porta) Só não sei se é pra você...

Sozinha no corredor, Maria vai andando em direção ao facho de luz que sai pela porta aberta do apartamento de Nazaré. Lá dentro, Nazaré costura um vestido, cantarolando um samba-enredo. Jackson dorme no sofá.

NAZARÉ - Entra, Maria. Que que tá zanzando aí no corredor?

MARIA (entrando) - É o Carioca que não chega.

NAZARÉ - Não acostumou ainda não? Senta aí.

Maria senta-se e fica um tempo em silêncio, os olhos percorrendo o apartamento, um quadro torto, uma pilha de revistas, o rádio, o menino dormindo.

MARIA - Tá bonito, aqui. Você tá contente, não tá, Nazaré?

NAZARÉ - Tô satisfeita. Faço um bico aqui, outro acolá, lavo prato em pensão, faço cama em hotel, mas o importante é que de noite eu tenho onde sentar a bunda.

MARIA - Você e o menino, isso é importante...

NAZARÉ - É. Não precisa deixar o menino na mão dos outros.

MARIA - Tu também tem muito merecimento, Nazaré.

NAZARÉ - Merecimento, tempo de serviço e o escambau. Sem falar na insalubridade que ninguém fala. Quinze anos deitando em qualquer buraco, no úmido, no pedregulho, debaixo de via-duto, pegando doença de um e passando adiante, cansei...

MARIA - Fico contente por você... E pelo menino também... Tá espichando, o Jackson... E quando ele dorme é que fica a tua cara.

NAZARÉ - Mas tem que ficar contente é por você mesma, Maria. Não tá não?

MARIA - Tô, claro que tô...

SEQ. 32 - int./noite - MARIA COM NAZARÉ - continuação -

NAZARÉ - A bem dizer, tua vida não mudou grande coisa, né mesmo? Tu mora, como morava, cozinha, como cozinhava... Só tem que agora dorme com o patrão. (as duas riem) O que eu vou te dizer, Maria, tu entende se quiser. Eu sei de uma casinha lá em Botafogo que tá jogada às moscas. Foi uma espécie de randevu, mas assim tipo familiar, sabe como é? A espanhola que alugava os quartos foi embora. Então eu pag sei por lá outro dia e falei comigo: dando um jeitinho aqui, colocando umas mesinhas, tem uma cozinha de bom tamanho... E eu cá pensando: uma cozinheira de mão cheia como a Maria Moita, fazendo uma comidinha caseira para trabalha dor, sabe que dava o maior pé?

MARIA - Tu tá brincando, Nazaré...

NAZARÉ - Brincando o que? Eu até te dava uma mão...

MARIA - Tá querendo abrir um restaurante, é isso?

NAZARÉ - Um boteco, uma coisinha simples... É sonho maluco, montar um boteco? Precisa de fortuna? Tô falando mais é por você, viu? Pra não passar o dia inteiro aí nessa agonia, esperan do o marido, esquentando a sopa dele...

MARIA - Sabe o que o Carioca vive me dizendo?

NAZARÉ - O que?

MARIA - Que tu não é boa companhia pra mim.

NAZARÉ - O que? (começa a rir)

MARIA - Que tu pode alterar a minha cabeça.

NAZARÉ - O Carioca diz isso? (ri descontroladamente)

MARIA . Que tu quer me afastar dele...

Nazaré agora ri como uma louca. Maria, que a olhava séria, aos poucos começa a rir. Quando Carioca chega, encontra as duas chorando de tanto rir.

NAZARÉ - O Carioca? Uahahahahahahahahahahahahahaha...

MARIA - O Carioca! Uahahahahahahahahahahahahahaha...

CARIOCA (entrando) - Ah, você tá aí, Maria? Tô te procurando há mais de meia hora!

MARIA (sempre rindo) - Me procurando onde? Só se for no botequim da esquina...

CARIOCA - Vamos pra casa, mulher. Eu tô com fome.

MARIA (levantando-se, rindo) - Tu tá é cheirando a cana...

CARIOCA - Pô, depois de um expediente feito o meu - Mauã-Madureira Mauã-Madureira-Mauã-Madureira - a cervejinha é de lei.

SEQ. 32 - int./noite - MARIA COM NAZARÉ - continuação II -

MARIA (acompanhando-o) - Tem cerveja aí em casa, bem geladinha.

CARIOCA - E os amigos? No fim do serviço a gente tem que trocar fi
gurinha. Tem o Castelo-Inhaúma-Castelo-Inhaúma-Castelo-
Inhaúma. Tem o Passeio-Irajá-Passeio-Irajá-Passeio-Irajá
Tem o Méier-Cascadura-Méier-Cascadura-Méier-Cascadura...

MARIA - Podia trazer os amigos pra conversar em casa... Tchau, Na-
zaré (explode em novo riso frouxo)

NAZARÉ - Até, Maria (rindo ainda)

CARIOCA - E a sinuca? Carrego aquela mesona aqui pra casa também?

SEQ. 33 - int./noite - LOCAL SECRETO - PLÍNIO E MARINA EM REUNIÃO
QUASE SECRETA

Reunião em ambiente noturno. Quatro ou cinco rapazes, um homem mais velho, Plínio e Marina, a única mulher. Plínio segura sua mão e olha constantemente para ela, como um namorado que acaba de fazer as pazes mas ainda não está confiante. Mesmo assim, Marina parece um elemento estranho ali.

RAPAZ LÚCIDO - Eu não sei com que tipo de pessoas influentes o teu pai tem falado, Plínio. Mas eu sei de outros grupos poderosos bem mais otimistas...

RAPAZ SINCERO PORÉM RADICAL - Eu também sei. E não são gerentes de hotelaria nas Bahamas. São pessoas bem mais próximas de nós e da realidade.

PLÍNIO - Bem, eu não sou dono da verdade, nem meu pai. Só achei que era uma informação a mais que eu deveria passar pra vocês. De gente realista que tem interesses aqui e já não vê muita saída...

HOMEM SÉRIO - Eu pensei que tivesse sido chamado para uma reunião mais objetiva.

RAPAZ SINCERO PORÉM RADICAL - Eu acho que todo mundo tem que deixar bem clara a sua posição. Pelo que eu tenho sentido, o velho Haroldo entregou os pontos e o Plínio agora tá vacilando também.

PLÍNIO - Isso já é sacanagem tua. Outro dia você me cobrou uma atitude em relação à porra do hotel. Eu disse: tudo bem. Posso até contratar cinquenta capangas e despejar aqueles malandros hoje mesmo. Só não posso pagar é cinquenta capangas pra ficar vigiando o Hotel noite e dia. E depois? Quem é que vai despejar os cinquenta capangas?

RAPAZ LÚCIDO.- O Plínio está certo quando coloca que o problema é geral e a solução tem que ser abrangente.

RAPAZ SINCERO PORÉM RADICAL - O que não impede a gente de dar uns sustos no pessoal de vez em quando...

HOMEM SÉRIO - O que se espera de vocês é sobretudo a disposição de colaborar num trabalho muito sério. Vocês dispõem de energia, de sentimento cívico, de juventude e de meios para influir no restabelecimento da ordem, certo?

SEQ. 33 - int./noite - LOCAL SECRETO - PLÍNIO E MARINA EM REUNIÃO
QUASE SECRETA - continuação -

RAPAZ LÚCIDO - É isso. Nós temos instrumentos até legais para levar a situação a um tal impasse que a população vai acabar implorando por um pouco de paz, frescor, trabalho, comida e segurança.

RAPAZ SINCERO PORÉM RADICAL - Podemos explodir a adutora, por exemplo.

RAPAZ LÚCIDO - Tãf, isso já não é muito legal. Mas a gente pode reunir aqui uma porrada de acionistas, de empresários da maior importância. Agora imagina se nós decidimos uma paralisação geral nos transportes, só pra levantar uma hipótese.

HOMEM SÉRIO - Muita coisa pode ser levantada aqui, mas isso requer uma certa discricão.

PLÍNIO - Claro, ninguém vai sair daqui dando entrevista...

HOMEM SÉRIO - Eu queria dizer discricão aqui dentro mesmo. Eu não conheço todos os convidados, entendeu agora?

RAPAZ LÚCIDO - Ele tã certo, Plínio.

RAPAZ SINCERO PORÉM RADICAL - É. Eu acho que todo mundo tem que deixar bem clara a sua posição.

PLÍNIO - O que é que há, hein?

RAPAZ LÚCIDO - Não é nada contigo, Plínio.

RAPAZ SINCERO PORÉM RADICAL - Menina bonita, eu não tenho nada contra. Mas sabe lá o que é que o pai, o médico avançadinho, bota na cabeça da menina bonita?

Marina, até então distraída, levanta-se num salto.

PLÍNIO - Marina...

HOMEM SÉRIO - Pena mesmo, porque o broto é um encanto... Quem sabe num outro dia, quando vocês me chamarem para um banho de piscina, um baile à fantasia...

Marina sai.

SEQ. 33-A - ext./noite - RUA - MARINA TRISTE

Marina caminha ao som de "Primavera" pelas mesmas ruas que o Poeta já caminhou.

SEQ. 34 - int./noite - QUARTO POETA - MARINA VISITA POETA

No apartamento do Poeta, Jackson está tomando aula de violão. O instrumento é enorme para ele. Poeta corrige os acordes do garoto mexendo na sua mão esquerda.

POETA - Olha aqui: dó maior... Aí você tira o dedo e pronto: já é lá menor. Faz...

JACKSON (olhando para a foto de Marina colada na parede) - Tu não esquece mesmo a moça, hein? (faz acorde menor)

POETA - Qual, essa da foto? Não fala asneira, moleque: Eu nem lembro mais o nome dela... Saí com ela uma noite e tirei o maior sarro! Põe o dedo aí... Isso, mi menor... Depois ela pegou no meu pé. Um saco! Queria sair de novo, queria marcar programa, acho que queria compromisso sério. Eu, hein! Saltei mesmo! Agora faz ré menor. Dispensei a menina porque ela é muito burra, sabe? Ela é muito criança mesmo! Ela não vê que não tem nada a ver. Eu tô numa de ficar livre pra gravar meus discos e fazer um puta sucesso! Lá maior. Daí ela vai ficar me ouvindo na FM e vai dizer: porra, como é que eu fui ser tão burra! A burra não sabe que eu fiz teste na gravadora e deu o maior pedal. Só que o pessoal que mandava lá foi tudo embora. Sol menor. Eles ficaram com medo das coisas aqui e largaram tudo. Perderam tud tudo. Se mandaram pra terra deles com a roupa do corpo e olhe lá.

JACKSON - Mesmo? Coitados...

POETA - Coitados nada! Eles eram bem uns ladrões. Diz que a grana que eles faturavam aqui ia tudo pra banco com conta secreta lá na Suécia!

JACKSON - É mesmo?

POETA - Não tô dizendo? Agora a mamata acabou. Agora ficou tudo brasileiro, os técnicos, as máquinas, as fábricas...

JACKSON - Mesmo? Do cacete, hein, Poeta?

POETA - Do cacete o que? As fábricas tá tudo faltando peça, as mã-quinas eles arreventaram tudo e os técnicos que ficaram aqui não entendem picas. Então o pessoal novo me disse que eu vou ter que dar um tempo até gravar meu compacto simples

JACKSON - Mas que sacanas, esse pessoal!

POETA - Não é sacanas nada, Jackson. Tu não entende nada? Não vê que é um pessoal porreta, cheio de nacionalismo? Claro que vai ter que começar tudo de novo, partir do zero. Mas daqui a

SEQ. 34 - int./noite - QUARTO POETA - MARINA VISITA POETA
- continuação -

pouco a tralha vai estar funcionando maravilha, as prensas novas, as caldeiras jóia, os estúdios com sessenta e quatro canais, e então eu vou gravar um elepê por ano!

JACKSON - Pô, que chato... (batém na porta, Jackson atende) -
Tem Vinicius nenhum e o Vinicius que tinha viajou pra Suécia. (bate a porta)

POETA - Tá maluco, Jackson? Que que era?

JACKSON - Era a menina burra da foto, a que não larga do teu pê.

POETA (levantando-se num salto e correndo para a porta) - Marina!

JACKSON - Putz, como é que eu não entendo nada mesmo!

Abrindo a porta, Poeta dá de cara com Marina que sorri com a maior naturalidade. Poeta recua um passo e recupera a postura.

POETA - Que é que tá fazendo aqui?

MARINA - Nada, eu vim matar saudades da Maria Moita e aproveitei pra passar aqui, saber como é q-ue você anda...

POETA - Como é que eu ando? Eu ando ótimo! Tenho me divertido paca Pinto parede, jogo sinuca, dou aula de violão pra esse garoto...

Poeta despacha Jackson disfarçadamente. Marina caminha os olhos pelo quarto dele, a cama desarrumada, o violão, a foto dela na parede.

MARINA - Eu falei com a Maria Moita... Mas sabe, Vinicius, eu desconfio que também queria matar saudades de você.

POETA - É mesmo, E essa foto que eu tarrei da tua parede, ela ainda tava aí por descuido. (arranca a foto) Toma, leva, entrega pra aq-uele teu noivo!

Marina mantém um sorriso sereno, levemente irônico. Aproxima seu rosto e fica olhando dentro dos olhos do Poeta que permanece tenso mas não evita a aproximação.

POETA - É isso mesmo, entrega pro teu noivo, tá olhando o que? Aquele teu noivo bonito, cheiroso de colônia, aquele teu noivo.

MARINA - Vinicius, eu não tenho noivo. Eu estou contigo, Vinicius. Eu pensei muito em você. Agora, se você não tá a fim de ficar comigo...

POETA - Não tô mesmo.

MARINA - Não tá?

SEQ. 34 - int./noite - QUARTO POETA - MARINA VISITA POETA
- continuação II -

POETA - Não tô. (os rostos já quase colados)

MARINA - Nem um pouquinho? Quinze minutos, hora e meia, um verão...

POETA - Não.

MARINA - Puxa...

POETA - Quer dizer, se você me acha engraçadinho, quer brincar comigo, essas coisas, tudo bem... É pra usar e jogar fora? Tudo bem.

MARINA - Tudo bem?

POETA - Claro. Amanhã me encontra num boteco e diz: aquele cantor-zinho, eu conheço não sei de onde... Tudo bem.

MARINA - Então fã ótimo.

POETA - Pensa que é só você que gosta de brincar? Eu também sei usar coisa e jogar fora, feito qualquer besteira, feito isqueirinho desses...

MARINA (colando o rosto) - Você vai me jogar fora?

POETA - Vou

MARINA - Você me joga na rua? Assim? Sem prestar atenção?

POETA - Jogo mesmo.

MARINA - Puxa...

Pausa. Beijam-se com violência. Caem no chão. Música.

* SEQ. 35 - wxt./dia - SEGUNDA SAÍDA DAS FAVELAS

Explode o "Samba do Carioca". Repete-se a sequência 2, em escala bem maior. Multidões de esfarrapados descem das favelas em direção à cidade.

VOZES

Vamos, Carioca

Sai do teu sono devagar

O dia já vem vindo aí

E o sol já vai raiar

São Jorge, teu padrinho, te dê cana pra tomar

Xangô, teu pai, te dê muitas mulheres para amar

Vai o teu caminho

É tanto carinho para dar

Cuidando teu benzinho

Que também vai te cuidar

Mas sempre morandinho em quem não tem com quem morar

Na base do sozinho não dá pé, nunca vai dar

Vamos, minha gente

É hora da gente trabalhar

O dia já vem vindo aí

E o sol já vai raiar

A vida es-tã contente de poder continuar

E o tempo vai passando sem vontade de passar.

SEQ. 36 - ext./dia - GARAGEM ONIBUS/RUA - CARIOCA NA GARAGEM

Segue o "Samba do Carioca". Estamos agora no centro da cidade ocupado pela multidão que desceu o morro. No meio da multidão, vemos agora Carioca em seu uniforme de motorista, Começam a aparecer outras figuras vestidas com o mesmo uniforme. Os motoristas de onibus dirigem-se ao mesmo lugar, uma grande garagem com os portões fechados.

VOZES

Eh, vida tão boa
 Só coisa boa pra pensar
 Sem ter que pagar nada, céu e terra, sol e mar
 E ainda ter mulher e ter um samba pra cantar
 O samba que é o balanço da mulher que sabe amar

Vamos, minha gente
 É hora da gente trabalhar
 O dia já vem vindo aí
 E o sol já vai raiar
 A vida está contente de poder continuar
 E o tempo vai passando sem vontade de passar

Eh, vida tão boa
 Só coisa boa pra pensar
 Sem ter que pagar nada, céu e terra, sol e mar
 E ainda ter mulher e ter um samba pra cantar
 O samba que é o balanço da mulher que sabe amar

Tumulto no portão fechado da garagem. Lá dentro, dezenas de onibus parados. Cá fora, os motoristas discutem.

CARIOCA - Mas que greve? Ninguém me avisou de greve nenhuma...

MOTORISTA RADICAL - Se falaram que é greve, é greve.

MOTORISTA PRESIDENTE - Pô, gente, assim já é sacanagem. A gente não tá saindo duma greve?

MOTORISTA RADICAL - Entra noutra, pombas! Até eles aprenderem.

MOTORISTA OUTRO - Não é greve. É blecaute.-

MOTORISTA PRESIDENTE - A categoria não saiu vitoriosa?

CARIOCA - Isso é verdade...

MOTORISTA RADICAL - Não interessa. Greve é greve.

MOTORISTA OUTRO - Não é greve. É blecaute.

MOTORISTA PRESIDENTE - Calma, gente. Vamos ao sindicato se informar.

CARIOCA - Se informar do que? Não é tu mesmo o presidente do sindicato?

SEQ. 36 - ext./dia - GARAGEM ONIBUS/RUA - CARIOCA NA GARAGEM
- continuação -

MOTORISTA PRESIDENTE - Tá certo. Então vamos acabar a greve.

MOTORISTA OUTRO - Tô dizendo que não é greve. É blecaute.

CARIOCA - Não fala besteira, xará. Blecaute é quando apaga a luz.

MOTORISTA OUTRO - É blecaute. Greve de proprietário também se chama blecaute.

MOTORISTA PRESIDENTE - Locaute. Greve do patrão.

MOTORISTA RADICAL - E pode isso?

MOTORISTA PRESIDENTE - Sei lá. Eu nunca vi.

MOTORISTA RADICAL - Onde estão as autoridades?

CARIOCA - O patrão quer aumento?

MOTORISTA RADICAL - Vamos arrombar essa joça?

MOTORISTA PRESIDENTE - Calma, gente! Questão de ordem. Tá em votação. Quem for a favor do blecaute levanta o braço.

MOTORISTA OUTRO (levantando o braço) - Viva! Ah, não...

MOTORISTA RADICAL - Já ganhou! Vamos arrombar essa merda!

MOTORISTA PRESIDENTE - Calma, companheiro. Vamos devagar.

CARIOCA - Deixa comigo.

Carioca desmonta o cadeado com um estilete. Abrem-se os portões e os motoristas entram correndo na garagem. Entram correndo como crianças no parque de diversões, disputando os carrinhos elétricos. E os onibus saem da garagem fazendo manobras impossíveis. Chocando-se uns com os outros, como carros de crianças em parque de diversões.

SEQ. 37 - ext./dia - RUA -(INT. ONIBUS) - CARIOCA NO ONIBUS

O onibus-de Carioca circula livremente pela cidade. Evita engarrafamentos, corta pelas transversais, pára quando quer. Vemos Carioca ao volante, calmo, assobiando, e os passageiros algo atônitos.

VELHA - O senhor tem certeza que esse onibus vai pra rodoviária?

CARIOCA - Ele vai, sim senhora. Mas antes passa por Ipanema.

VELHA - Que caminho mais estapafúrdio!

CARIOCA - O que?

Carioca parece ter levado um susto. Freia bruscamente e dá uma ré até encostar no meio-fio onde uma mulata boa está parada.

CARIOCA - Vai pra rodoviária?

MULATA - Vou não.

CARIOCA - Vai pra Ipanema?

MULATA - Vou não.

CARIOCA - Vai pra onde, cacete?

MULATA - Sei lá. Vou pra lugar nenhum.

CARIOCA - Então sobe.

Vemos agora o onibus chegando perto do apart-hotel numa marcha irregular, acelerando, reduzindo, parando, arrancando. Dentro do onibus Carioca muda de marcha com insistência, sendo que o câmbio está situado entre as coxas da mulata boa.

VELHA - Mas a rodoviária era pra outro lado!

CARIOCA - Momentinho. Parada pro pipi. Maria !!!

Carioca desce do onibus dançando e entra em seu hotel. Os passageiros entreolham-se. Carioca volta devagar, olhando para os lados. Entra no onibus, senta em seu banco e fica um tempo parado.

VELHA - "Seu" condutor...

CARIOCA - Vai pra rodoviária, vai sim senhora!

SEQ. 37-A ext./dia - RUA PRÓXIMA A TORRE

Carioca arranca de mau humor, já sem se importar com a mulata ali de pé ao seu lado. Freia de repente, salta do onibus e vai ao encontro de Maria Moita e Nazaré que vêm andando calmamente pela calçada.

CARIOCA - Maria, que é que tu tá fazendo na rua?

MARIA - Carioca, que é que houve? Mudou de linha?

CARIOCA - Que é que tá saindo nessas companhias?

MARIA - Nessas companhias? (Maria e Nazaré se entreolham e caem na gargalhada)

CARIOCA - Que isso? Qual é a graça?

MARIA - Nada, meu amor... É que eu tô tão feliz!

CARIOCA - Ah, é? Tá feliz, é?

MARIA - Imagina que eu mais Nazaré resolvemos abrir um boteco...

Um acorde dissonante dá início à melodia de "bate-boca". O diálogo seguinte vai-se passar no ritmo da canção ao fundo, Nazaré e o onibus inteiro assistem à discussão.

CARIOCA - Você o que?

MARIA - Vamos abrir.

CARIOCA - Abrir o que?

MARIA - Um botequim.

CARIOCA - Você não vai.

MARIA - E por que não?

CARIOCA - Porque não dá.

MARIA - Você não vem.

CARIOCA - Você não vai.

MARIA - Você vai ver.

A câmera vai-se afastando, subindo, mostrando o casal que discute na rua diante de enorme platéia e o onibus parado, atravancando o trânsito. Aumenta o volume da música.

SEQ. 37-B - int./dia - MOITA'S

Continuação bate-boca musical entre Carioca e Maria Moita

SEQ. 37-C - int./noite - APARTAMENTO CARIOCA

Final bate-boca musical entre Carioca e Maria Moita.

SEQ. 40 - ext./dia - HELIPORTO

Marina e POeta abraçados no chuveiro. Beijam-se enroscam-se, sentam-se no chão do box. Ali mesmo, ofegantes, cantam em dueto o seu tema, "Tema do Grande Amor".

Terminada a canção. Marina levanta-se e Poeta continua cantarolando o tema, exausto. Marina enxuga-se.

MARINA - Vinicius,,, Vinicius, eu acho que a gente fez uma coisa que não devia... Tã me ouvindo, Vinicius? Eu não sei se a gente podia... Que dia é hoje?

Poeta continua cantarolando, semimorto no box, Marina vai ao quarto e volta com umas roupas no cabide.

POETA - Pronto. (sai do chuveiro) você falou comigo?

MARINA - Eu? Não, não é nada não... É a tua roupa que eu separei. Vê se tá boa.

POETA - Essa aí? Não tem uma roupa mais tcham?

MARINA - E precisa de roupa mais tcham pra fazer programa de rádio?

POETA - Não, Marina, deixa, deixa. Deixa que eu vou pra rádio emrolado na toalha mesmo.

MARINA (rindo) - Ih, chato eu achei que quem te ouvisse cantar no rádio não ia reparar na tua roupa... Podia guardar a roupa melhor pra quando te chamassem na televisão.

SEQ. 40-A -

BATE BOCA MUSICAL

A melodia de "Bate-Boca" entra agora cantada por Marina e Poeta. Sucedem-se cenas do cotidiano do casal.

Os dois discutem sentados na cama. Marina faz cara de choro. Poeta consola Marina. Deitam-se abraçados.

Marina Chega com mala. Pendura suas roupas no armário.

Poeta grava no estúdio. Marina na cabine de som.

Poeta enfia suas roupas na mala de Marina. Sai na chuva. Volta molhado.

Eles fazem as pazes.

Marina está na aula de jazz. Poeta chega, faz cara feia e vai embora.

Marina atrás do Poeta, na rua, com malha de jazz.

Poeta canta numa boite. Marina assiste, apaixonada. Poeta paquera outra menina. Marina sai da boite.

Marina na rua com mala. Poeta atrás. Discutem em frente à portaria do prédio dos pais dela, Voltam com Poeta carregando a mala.

Marina ajeitando a decoração do apartamento. Poeta chega aos pulos com uma fita na mão. Coloca a fita no gravador.

Os dois deitados na cama. Ele quer trepar. Ela o rejeita. Ele emburra. Ela procura ele. Ele rejeita. Ela emburra. Ele procura ela. etc.

A seqüência deve ser criada e marcada a partir da canção "Bate-Boca"

SEQ. 41 - ext./dia - RUA

Poeta e Marina caminham na rua em silêncio. Poeta está vestido de cantor e carrega nas costas uma roupa pendurada num cabide e envolta num plástico. Marina carrega uma cesta de compras.

POETA - O que é, Marina? Já tem uns dias que você tá assim...

MARINA - Assim como? Eu tô feliz...

POETA - Você diz que tá cismada, sei lá, parece que tá escondendo alguma coisa... Fala, Marina.

MARINA - Não é nada, quer dizer, não é nada pra ficar preocupado. Não tá na tua hora?

POETA - É, já tô meio atrasado... Você me obriga a fazer besteira toda manhã... Dá nisso.

MARINA - Pois é. Então hoje à noite, em vez de fazer besteira a gente conversa com calma, tá? Agora você me acompanha só até ali na esquina, tá?

POETA - Sabe, parece que semana que vem eu faço duas televisões.

MARINA - É mesmo?

POETA - Talvez no horário nobre.

MARINA - Que bom.

POETA - O que? Tá duvidando?

MARINA - Duvidando de que? Eu não disse que bom?

POETA - Não, você disse que bom! Você disse que bom.

MARINA - E então? Que bom!

POETA - Tá vendo? Fala de um jeito de quem nem tá aí.

MARINA - Olha, Vinicius, eu só acho que você anda muito aflito por nada. Quando você fala do seu trabalho, você fala tenso, carregado, e ainda arma um bico... olha aí o bico. Você tá começando muito bem, tá compondo bonito, o disco tá tinindo, não falta nada lá em casa, eu te amo e o que mais? Quando chegar a sua hora, você vai fazer televisão toda santa noite, até encher.

POETA - Semana que vem faço duas, você vai ver. Pelo menos foi o que o cara lá da rádio me garantiu. Tá sempre na rádio, esse cara que é um tipo esquisito, cheio duns assuntos... Ele vive dizendo que o meu som é da pesada, que eu podia aparecer mais... Ele disse que numa outra situação já era pra eu ter gravado uns três elepês...

MARINA - Que outra situação, Vinicius?

POETA - Sei lá, pergunta a ele! Ele é que diz que aqui não me dão o devido valor, palavras dele...

MARINA - Que conversa é essa, Vinicius? Cê tá ficando besta?

POETA - Pôxa, Marina, eu não acabei de dizer que isso é conversa

SEQ. 41 - ext./dia - RUA - continuação

desse cara aí, que é um pinta muito esquisito, que é um puxa saco e deve ser veado mesmo. Um babaca, isso é o que ele é!

MARINA - Eu fico aqui, Vinicius... Vou comprar umas coisinhas pra hoje à noite.

POETA - Eu achei que a gente ia sair à noite, comer uma pizza...

MARINA - Não, Vinicius, eu te encontro na rádio e a gente vem pra casa, tá? Lembra que a gente precisa conversar...

POETA - É, precisa conversar... Acho que hoje à noite eu vou estar é com uma bruta duma apendicite aguda e supurada.

MARINA (beijando o Poeta) - Tchau.

POETA - Te espero na rádio.

SEQ. 42 - int./dia - CONSULTÓRIO DE EUGÊNIO - NAZARÉ NO CONSULTÓRIO

Na ante-sala do consultório médico, Dr. Eugênio de jaleco com uma ficha na mão. Através da porta aberta, vemos uma cordilheira de barrigas grávidas praticando a fespiração do cachorrinho.

NAZARÉ - Jura?

EUGÊNIO - Positivo.

NAZARÉ - Jura mesmo, doutor?

EUGÊNIO - É Nazaré, o Jackson vai ganhar um irmão... Parabéns Nazaré! Você tem visto minha filha?

NAZARÉ - Ela tá ótima, doutor... Eu juro que não acreditava mais Não pela medicina doutor, sabe...

EUGÊNIO - Isso, concentra na respiração... Muito bem, Nilcéia...

NAZARÉ - Sabe, o meu organismo era um sucesso! Feito uma indústria Emprenhava à toa, à toa. Mas chegava no terceiro mês e vi da do jeito que tava... O Jackson passou uma vez os quatro dias de carnaval tomando água... mas as trompas viviam naquele otimismo, na ignorância do que se passava cá fora, as trompas e os tubos moldando a criatura lá dentro, com paciência de um padeiro, e quando o bichinho começava a tomar forma, lá vem o ferro, lá vem luva de borracha, lá vem creolina e fim. Eu queria que o doutor me falasse se acha que vale mesmo a pena o menino nascer. Se o otimismo que voltou nas minhas trompas é de verdade... eu, as vezes fico com muito tremor só de pensar que vai valer a pena, tanto exame, tento desejo...

EUGÊNIO - Nazaré... Vai valer a pena, Nazaré. Volta daqui a 30 dias que eu quero te ver de novo.

SEQ. 43 - int./dia - SUPERMERCADO

Marina entra no supermercado, pega o carrinho e circula rotineiramente entre outras pessoas, na maioria mulheres de aspecto humilde. Ela passa por frangos, ovos, frutas, legumes, latarias, laticínios. Escolhe pequenos volumes aqui e ali, duas garrafas, latinhas, bolachas, queijos, não mais que o necessário para a ceia de um jovem casal. De repente, uma voz exaltada de mulher chama a sua atenção.

MULHER (off) - Como, compra palmito! Não é a mesma coisa não senhora! Palmito é palmito, aspargo é aspargo, não tem nada a ver! Eu já fui atrás de aspargos no Leblon, no Flamengo, na Tijuca e nada! Agora eu tenho o direito de saber onde é que esconderam os aspargos! É racionamento? Hein?

Marina aproxima-se e vê confirmada a sua suspeita. A mulher gritando é sua mãe, D. Olga. Em torno de D. Olga, mulheres do povo entre olham-se, achando graça naquela cena. Uma preta gorda cutuca Marina e sorri um sorriso gordo. Marina sorri amarelo.

OLGA - Não tem quinze dias, racionaram a manteiga! Tá certo, eu levei margarina. Já cansaram de racionar coca-cola! Muito bem eu bebo guaraná. No mês passado foi o sabonete que eles racionaram. E eu me lavando com sabão de côco... (as pessoas em volta começam a rir abertamente) Isso mesmo, vocês acham graça, não é? Pra vocês tá tudo muito engraçado, não é mesmo? Pois fiquem sabendo de uma coisa! Meu marido é muito importante, entenderam? (as-pessoas riem mais) Meu marido é um homem muito importante mesmo! (as pessoas riem mais ainda) Tá certo, você não tem nada com isso... Deixa eu cuidar da minha vida... Mas eu vou me prevenindo direitinho, ah, se vou! O meu marido já me avisou que semana que vem vão racionar o feijão... (as pessoas silenciam e se olham assustadas) Isso é que é engraçado, não é? Pelo menos um mês com feijão racionado... E eu tô falando do feijão fradinho, viu? Porque feijão preto, mas nem no câmbio negro! (as pessoas começam a se dispersar em direção às prateleiras) E arroz também, viu? E café! E goiabada! E talvez até cachaça!

SEQ. 43 - int./dia - SUPERMERCADO - continuação

Cria-se um princípio de pânico no supermercado. Marina, estática, é quase atropelada pelos carrinhos enlouquecidos.

OLGA (saindo) - É isso mesmo! Meu marido me disse! Racionamento geral! Ele é muito importante! Racionamento total
Taxi! Taxi!

SEQ. 44 - ext./dia - PORTA MOITA'S

No lado de fora do restaurante, uma enorme fila de espera. Nazaré atravessa a fila e entra correndo.

SEQ. 45 - int./dia - RESTAURANTE MOITA'S

Nazaré entra no restaurante repleto. Maria Moita circula entre a cozinha e o escritório. Um radinho toca algo indefinido.

MARIA - E aí, Nazaré, que é que deu?

NAZARÉ - O Dr. Eugênio acha que é positivo...

MARIA - Tá choca ou não tá choca?

NAZARÉ - Parece que sim, Maria... Tô choca, sim.

MARIA - Maravilha, mesmo Nazaré! O Mendonça já sabe?

NAZARÉ - Não... Tu acha que ele vai gostar? Que ele vai criar direi-
to o filho dele?

MARIA - Se for macho, que nem o Jackson, garanto que vai.

NAZARÉ - Que nem o Jackson... Vou levar as caipirinhas.

Nazaré circula. Maria no caldeirão. Nazaré volta.

MARIA - Diz uma coisa, Nazaré... Quando o Jackson nasceu, tu conhe-
cia já o Carioca, né mesmo?

NAZARÉ - Se conhecia... O Carioca e patota toda.

MARIA - Garanto que ele foi lá no hospital...

NAZARÉ - Xi, menina, teve uma festa no hospital! Foi carnaval mes-
mo! Fizeram até marchinha pra ocasião (cantarola) "Já in-
ventaram a cura da gonorréia/O ser humano lá na lua já
pôs o pê/Mas a ciência universal não faz idéia/De quem é
o pai do filho da Nazaré/Lalalá". Mais caipirinha, quem
vai? Cervejinha gelada!

Nazaré circula. Maria serve os pratos de dobradinha. Volta Nazaré.

MARIA - O pessoal até hoje faz muita brincadeira com isso. É um
tal de empurra-empurra! Diz o Carioca que o garoto é do Men-
donça... Diz o Mendonça que o garoto é do Waldir... Diz o
Waldir...

NAZARÉ --Olha, Maria, vamos deixar de roda, vamos. Tu quer pergun-
tar o seguinte: o Carioca é pai do menino Jackson? É
isso que tu quer perguntar, não é?

MARIA - Eu? Eu tô quieta...

NAZARÉ - E eu vou responder o seguinte: não, o Carioca não é pai do
menino Jackson! Nem o Carioca nem ninguém. O menino
Jackson é filho da puta e com muito orgulho! A puta aqui
quis ter o filho dela, tá entendido agora? O filho é meu e
acabou o assunto. Passa aqui os pratos. Dobradinha! Quem
vai de dobradinha?

SEQ. 45 - int./dia - RESTAURANTE MOITA'S - continuação

MARIA - Nazaré! Nazaré, vem cá! Tá ouvindo, Nazaré? É o Poeta!

Maria moita aumenta o volume do radinho e leva-o para dentro do restaurante. Nazaré, ouvindo a voz do Poeta, deixa cair a bandeja.

NAZARÉ - O Poeta!

A voz do Poeta invade o restaurante.

SEQ. 46 - ext./dia - ATERRO (INT. ONIBUS)

"SALSA DO POETA" NO ONIBUS

Continua no ar a "Salsa do Poeta". Do alto, vemos o onibus do Carioca ziguezagueando numa pista do aterro do Flamengo. Em seguida, dentro do onibus, vemos Carioca manejando o volante como se fossem duas maracas. Mendonça batuca e os passageiros são obrigados a dançar, quando não caem uns por cima dos outros.

SEQ. 47 - int./dia - ESTÚDIO - POETA CANTA NO ESTÚDIO

A música, "Salsa do Poeta", continua, agora ao vivo, num moderno estúdio de rádio. O Poeta canta acompanhando-se ao violão e com o reforço de uma pequena banda. Percebe-se que os músicos tocam com prazer, embalados pelo ritmo contagiante que eles próprios produzem. Num canto do estúdio, o próprio apresentador do programa, um preto de roupas muito coloridas, embarca no balanço e gíngua com o script na mão. Noutro canto do estúdio, quem vibra e gíngua com a música é Jackson.

SEQ. 48 - ext./noite - PORTA ESTÚDIO - POETA DEIXA O ESTÚDIO

Poeta está saindo do estúdio com seus músicos e Jackson que carrega o violão.

JACKSON - Pô, bicho, arrasou o maior suingue!

POETA - Gostou, nê, garoto?

JACKSON - Depois tu me ensina a tocar essa?

Uma moto vem vindo em alta velocidade e passa rente ao meio-fio, assustando Poeta e Jackson.

POETA (de pã) - Ô fela da puta!

A moto pára logo adiante e faz meia-volta.

RAPAZ 1 - Falou comigo?

POETA - Tá cego, pôxa? Tu quase atropelou a gente!

RAPAZ 1 - Você me xingou, por acaso?

POETA - A rua é larga pra cacete! Não precisa passar por cima da perna dos outros...

RAPAZ 1 - Xingou ou não xingou?

Aos poucos vão parando outras motos, roncando e acuando Poeta e Jackson.

RAPAZ 2 - Vamos lá, cara. Que é que tá amarrando aí?

RAPAZ 1 - Eu acho que esse puto xingou minha ,ãe...

RAPAZ 3 - Não brinca...

RAPAZ 4 - Que é que houve, hein?

Marina vem chegando. Quando ela vê o movimento em frente ao estúdio, pressente alguma coisa e começa a correr. A essa altura já há uma dúzia de motos cercando os dois.

RAPAZ 2 - É artista, ê? Cantor?

RAPAZ 3 - Canta um treco aí pra gente, canta!

POETA (sorrindo, sem graça) - Deixa pra lá, gente... Não tem clima...

RAPAZ 1 - Olha só que gracinha! O cantor é boneca, pessoal!

RAPAZ 4 - Canta, meu rouxinol, canta pra mim!

RAPAZ 1 - A boneca não quer cantar, pessoal...

RAPAZ 3 - Vai cantar, sim! Não vai decepcionar teus fãs, vai?

POETA - Deixa pra lá, gente...

RAPAZ 2 - Canta sim, porra! Não é cantor?

RAPAZ 1 - Pega o violão, boneca! Pega o violão e canta pra nós!

SEQ. 48 - ext./noite - PORTA ESTÚDIO - POETA DEIXA O ESTÚDIO
- continuação -

O rapaz arranca o violão das mãos de Jackson, abrindo o estojo com violência.

POETA - Ei, meu violão! Cuidado com o violão!

RAPAZ 4 - Vai cantar ou não vai?

POETA - Eu canto. Eu canto!.. (pega o violão)

RAPAZ 2 - Ai, que emoção! (passa a mão no rosto do Poeta)

RAPAZ 1 - Canta, boneca!

RAPAZ 3 - Mas vai ter que cantar grosso! Se cantar fino, leva por rada!

Poeta faz um acorde, abre a boca e emite um fio de voz.

MARINA - Vinicius!

POETA - Marina! Vai embora, Marina!

RAPAZ 4 - Que isso? Não vai dizer que é do fã-clube do cantor...

RAPAZ 3 - É a namoradinha dele, é?

RAPAZ 1 - Namoras o cantor-boneca, meu amor?

RAPAZ 2 - Vem cá, brotinho! O show vai começar.

Marina começa a recuar. Uma parte do grupo segue em sua direção forçando o ronco das motos. Poeta e Marina trocam palavras que são abafadas pelos motores.

SEQ. 49 - ext./noite - RUA

Perseguição das motos.

SEQ. 49-A - ext./noite - RUA PRÓXIMA AO ESTÚDIO

PLÍNIO ADVERTE MARINA

PLÍNIO - Quanto tempo, hein?

MARINA - Quanto tempo...

PLÍNIO - Você está bem...

MARINA - É... Você também...

PLÍNIO - Eu quero dizer que você parece bem tratada... Muito bem servida, é o que eu tô querendo dizer...

MARINA - Tá certo, Plínio. Foi bom te ver, agora deixa eu ir...

PLÍNIO - Me fala uma coisa, sô por curiosidade... Diz que todo preto na cama é fera, é um bicho mesmo, verdade? Me conta o que é que o teu faz contigo na cama que eu não fiz...

MARINA - Legal, Plínio, você pode até ter razão de ficar agressivo comigo. Eu não fui cem por cento com você. Que é que você quer que eu diga? Eu gostava muito de você, de verdade! Mas o mundo deu uma volta e eu deixei de gostar, entende? Acabou, esqueci de você! Aliás, eu pensei até que você ti vesse ido embora...

PLÍNIO - E vou. Vou logo logo, pra não ter que ver muita coisa desagradável que vem por aí. E eu queria mesmo falar contigo antes de ir embora, por uma razão muito simples e ao mesmo tempo absurda: ainda gosto muito de você, apesar de tudo...

MARINA - Plínio, por favor...

PLÍNIO - Não, tudo bem, você tá gostando de outro cara, não interessa. Eu não posso te obrigar a gostar de mim. Mas eu ainda gosto de você e é por isso que eu te falo o seguinte: se manda!

MARINA - O que?

PLÍNIO - Se manda daqui, Marina. Vai embora com os teus pais no primeiro avião! É conselho de amigo, amigo não, de um cara apaixonado!

MARINA - Cê tá pirado, Plínio...

PLÍNIO - Não tô pirado não, pelo contrário. Tô te falando de coisas que você não sabe. A barra vai pesar, Marina, e vai pesar pra muita gente. Até mesmo pra gente bacana, que não tá fazendo nada demais, que tá aí de boa fé e só. Gente como o teu pai, pra dar um exemplo...

MARINA - Que é que tem meu pai?

PLÍNIO - Nada, é o que eu sempre digo, não tem nada! É um profissional como outro qualquer, trabalhando aí. Mas tem pessoas que não querem enxergar com clareza... Pessoas que não apre

SEQ. 49-A - ext./noite - RUA PRÓXIMA AO ESTÚDIO

PLÍNIO ADVERTE MARINA - continuação -

ciam o trabalho do teu pai, como não apreciam nada do que se está fazendo por aí. Então, Marina, são pessoas que podem machucar teu pai, 'entendeu? Pessoas que estão se preparando pra machucar muita gente... Até mesmo esse teu... Vinicius é o nome dele? Esse é outro que periga rodar... Eu já disse que não tem nada a ver, coitado... Mas pode ter gente achando que esse cara se meteu com quem não devia...

MARINA - Ah, é uma ameaça, não é?

PLÍNIO - Compreenda só uma coisa, Marina, Não sou eu quem tá ameaçando. Eu sou um sujeito mais ou menos civilizado. Digamos que eu sou moderninho... Invadiram minha propriedade, bloquearam minha conta bancária, roubaram minha garota, eu fico magoado sim. Mas nem por isso eu vou sair por aí soltando bomba. Só que eu conheço muito bem as pessoas que pensam diferente. Eles estão dispostos a jogar sujo e não tem quem segure... Eu já desisti de discutir com essa gente. Agora chega, eu lavo as mãos, eu fecho os olhos, eu vou-me embora pra bem longe. E eu te repito, Marina, vai você também. Você pode ser feliz noutro lugar. E assim como você se esqueceu de mim, tão fácil, você também vai-se esquecer dessa tua aventura... E o teu artista vai ficar por aqui ã vontade, tocando bolero triste... Mas se você fica, ele pode se prejudicar. E aí o meu medo, Marina, é que sobre pro teu lado também...

MARINA - Mas como é que você pode...

PLÍNIO - Marina, calma... eu vou te levar pra casa de teus pais. Várias bombas estão explodindo por aí. Tá perigoso andar na rua sozinho.

SEQ. 50 - ext./noite - BOMBA NO APARTAMENTO

Carioca chegando com onibus, vê bomba explodindo em seu apartamento

SEQ. 51 - ext./noite - EXPLODE ONIBUS

Carioca assiste explosão do seu onibus.
Daí caveirinhas fogem de moto.

SEQ. 52 - int./noite - APARTAMENTO CARIOCA
POETA DEPOIS DO ATENTADO

Poeta e Jackson chegam ao apartamento, encontram toda comunidade empenhada em remediar os efeitos de uma explosão que incendiou e destruiu uma parte do apartamento. Ao vê-los chegando, Carioca impinge duas pás nas mãos de Poeta e Jackson. Jackson larga o violão e atira-se ao trabalho. Poeta pega o violão e fica parado com a pá na outra mão.

CARIOCA - Onde é que vocês se meteram, porra? Força, vamos! Tu também, guri.

POETA - Cadê a Marina?

CARIOCA - Acabou a brincadeira. O doutor e a madame tão de partida pro estrangeiro e a mocinha vai junto. Ajuda aqui, porra!

POETA - Qual é? Tá me gozando, Carioca?

CARIOCA - Olha pra minha cara, rapaz, e vê se eu tô gozando! Tu parece que ainda não entendeu o que aconteceu aqui!

POETA - Cadê a Marina?

CARIOCA - Tá se arrumando pra viajar. Essa menina só faz atrapalhar. O lugar dela não é aqui e você larga a bosta desse teu violão e vem dar uma mão é tua gente.

SEQ. 53 - int./noite - APTº CARIOCA - POETA E MARINA DEPOIS,
DO ATENTADO

Poeta pára um instante encarando Carioca com ódio nos olhos. De repente, atira longe a sua pá. Carioca desembala em direção ao poeta, agarra-o pela gola da camisa, apanhando o violão com a outra mão. Dá um safanão no Poeta, atirando-o no chão. Abre o estojo, ergue o violão e espatifa o instrumento contra o muro, ante o olhar bestificado do Poeta. Os dois ficam um tempo se olhando nos olhos.

POETA - Você não podia ter feito isso nunca! Um violão não é pra quebrar não!

CARIOCA - E a casa da gente que quase explode toda, tu não tem nada a ver com isso, né? Tu pensa que é poeta, né? Tu é melhor que todo mundo!

POETA - Nada! Nada te dá o direito de quebrar meu instrumento, nada!

CARIOCA - Tá certo, garoto, agora chega. Esse violão tava mesmo te fazendo mal. Depois tu descola outro, melhor até. Desconfio até que tava carregado, tava te atrasando a vida. Vamos trabalhar, vamos, garoto, vida nova, vamos...

POETA - Violão nenhum foi feito pra quebrar. Hunca! Tu não devia ter feito isso.

CARIOCA - Poeta, tu tá apaixonado e não pode distinguir direito as coisas. Tu tá como que com farol alto na cara. Tá chorando o teu violão mas é da menina que tu tá falando. A tua menina vai embora, é pena, dá raiva mesmo, mas vai por mim, Poeta, essa menina não tava te fazendo bem. Sabe, não é nada pessoal contra ela que eu tô falando...

POETA - Tá certo, Carioca, tu tá certo de ter toda essa bronca. Tu passou anos na merda, anos e anos com um motor torrando ao teu lado. Aí um dia tu conquista a dignidade, o sossego, a moradia, vai ser dono do teu nariz e nada mais justo, tu batalhou pra isso. Mas tu vai ver, já com quarenta anos passados, o pulmão um lixo, Maria Moita já meio obsoleta, quer dizer... Tu pára e diz porra, eu sou um lutador, eu sou um puta dum lutador vitorioso, não sou um servidor aposentado. Aí tu quer mais, tu quer a juventude de volta, mas isso não pode. Tu olha pra mim, com meus vinte anos, meu violão ovation, minha garota tesuda, é demais, Carioca, tu não aguenta... Tu tá certo de ter essa bronca de mim.

CARIOCA - Vamos, Poeta, (alto, para todos) Vamos, gente! Já que a gente conquistou essa merda, tem que defender a merda nossa!

SEQ. 53 - int./noite - APTº CARIOCA - POETA E MARINA DEPOIS
DO ATENTADO - continuação

Carioca vai entrando no hotel. Poeta caminha em direção oposta,
cabisbaixo, chutando pedras.

SEQ. 54 - int./noite - SALA DE EUGÊNIO - MARINA FICA

Apartamento desarrumado. Vários livros grossos de medicina, estão empilhados. Dr. Eugênio com o braço machucado, bastante abatido. Olga, pelo contrário, animada com a decisão da viagem. Marina acaba de chegar com Plínio e Eugênio avisa que vão embora e ela vai junto. Marina pergunta pelo Poeta. Na televisão ligada o locutor fala dos atentados na cidade. Plínio esculhamba o Poeta. Olga concorda e Eugênio não. Marina defende Poeta. Resolve ficar e sai.

SEQ. 55 - ext./noite - RUA - POETA DIZ A JACKSON QUE VAI

Poeta caminha chutando pedras na rua deserta. Jackson atrás.

JACKSON - Poeta, acho que amanhã cedinho o Carioca vai comprar ou tro violão e te fazer uma surpresa.

POETA - Vai comprar o violão que foi do avô do Mendonça, braço de taguara, tampo de caixote colado a cuspe. A minha guitarra era importada.

JACKSON - Importada?

POETA - Importada, garoto. Tava encostada lá na gravadora e eles me deram. Me deram porque sabem que eu preciso dum instrumento decente.. Uma guitarra importada agora, custa dez vezes mais que aquela bosta do onibus do Carioca, caindo aos pedaços.

JACKSON - Pô, Poeta, outro violão importado tu nunca vai ter de novo?

POETA - Vou ter vinte! Porque lá fora um instrumento musical não custa nada. Neguinho compra, toca até arrebentar a corda e dá pros pobres.

JACKSON - Pô, Poeta, eu vou rezar pra um dia tu fazer um tremendo sucesso, pra poder ir lá fora e trazer vinte guitarras dessas. A primeira que arrebentar a corda, vai sobrar pra mim.

POETA - Precisa de reza não, garoto, que esse dia já chegou. Eu vou me mandar daqui.

JACKSON - Como é?

POETA - Vou me picar. Como, eu ainda não sei. Mas que vou eu vou. Já tem mais de um cara que diz pra mim que eu tô marcando touca, jogado pra corner, e o sacrifício. Que a indústria aqui tá devagar, cheia de problema e de política, e que eu tenho que aproveitar meu tempo. Esses caras dizem que meu pique é agora, e que o meu lance tem tudo pra arrasar na América, Europa, no mundo todo! Divulgar nossa música no exterior, não é um barato?

JACKSON - É, acho que é... Eu sô acho esquisito tu deixar a gente aqui bem agora que a coisa tá pegando fogo... Acho que todo mundo vai sentir tua falta... Uma passagem de avião deve custar uma nota... Deve custar uns vinte onibus do Carioca.

POETA - Deixa que eu penso nisso, garoto.

SEQ. 55 ext./noite - RUA - POETA DIZ A JACKSON QUE VAI
- continuação

JACKSON - É que eu tive uma idéia... Tu lembra do porteiro maluco? Aquê^o que faz coleção de tesouro (Poeta continua andando sem se importar com Jackson; Jackson retira do bolso o relógio que roubara de Eugênio) - Olha aqui, tu não acha que ele pode comprar esse relógio de ouro?

POETA - Isso é latão pintado. Conseguiu como?

JACKSON - Eu já mordi, é ouro... ganhei há muito tempo.

POETA - Ganhou?

JACKSON - Ganhei, pô. Ganhei dum primo da Maria Moita.

SEQ. 56 - int./noite - PORTARIA DE EUGÊNIO - POETA PROCURA
NUM DÔ

Poeta e Jackson estão no hall do edifício diante de Num Dô que, atrás de sua mesa de porteiro e um joalheiro atrás de seu balcão.

NUM DÔ - É... Infelizmente, isso não vale nada...

POETA - Como não vale nada? É ouro maciço!

NUM DÔ - Relógio de ouro maciço, sei... Isso é latão.

POETA - É ouro. Pode arranhar, pode morder...

NUM DÔ - Sei, sei... E onde é que foi comprada essa preciosidade?

POETA - Eu ganhei... Ganhei do primo do diretor da gravadora. Vem cá, não dá pra gente conversar no teu apartamento?

NUM DÔ - Olha, moço, esse relógio pode valer uns quinze contos e olhe lá... Mã conservação, procedência incerta... Eu posso lhe dar dez contos... Dou doze contos por ele, tá bom?

POETA - Tá vendo, Jackson? Tá vendo como tu é babaca? Eu não te disse que não valia nada?

NUM DÔ - Ora, rapaz, doze contos é um bom dinheiro. Pra que é que você quer mais? O que é que vai fazer com tanto dinheiro?

POETA - Nada, deixa pra lá...

NUM DÔ - Fala, moço. Talvez eu possa ajudar. Quanto é que você tá precisando?

POETA - Sei lá... Tipo mil dólares, dois mil...

NUM DÔ - Só?

POETA - Talvez três... Três mil dólares... Você tem?

NUM DÔ - Três mil dólares? Tenho muito mais (começa a rir)

Sem que o Poeta e Jackson percebam, Plínio aparece no hall, saído do elevador. Talvez por isso, Num Dô começa a rir abertamente, rir como nunca riu em toda a sua vida, e rindo seguirá até o fim da cena.

POETA - Três pra mim tá bom... Você me empresta?

NUM DÔ - Se eu empresto? Eu... eu... (a gargalhado o interrompe)

POETA - Tá rindo de que?

NUM DÔ - Não, não, é que é muito engraçado isso tudo. Não faz muito tempo o mocinho invadiu a minha residência e riu muito da minha pessoa. Disse que a minha economia não prestava pra nada. Tratou jóia minha a peteleco...

POETA - Tu disse que podia ajudar. Vai emprestar o dinheiro ou não vai?

NUM DÔ - Espera aí! Eu estou esperando alguma garantia de ver meu dinheirinho verde de volta... E relógio roubado não vale.

SEQ. 56 - int./noite - PORTARIA DE EUGÊNIO - POETA PROCURA
NUM DÔ - continuação -

POETA - Eu te dou minha palavra, pôxa. Serã que a minha palavra não vale nada?

NUM DÔ - Sei não, qual delas? Daquela vez que você gastou tanta palavra bonita! Agora o palavrório é outro. Não está mais aqui quem falou. Quer dizer, um dos dois não vale nada. Ou vale o dinheiro que cê tá me pedindo ou vale o samba que cê me jogou na cara.

POETA - Valem os dois, merda, valem os dois. Com o teu dinheiro eu vou pro estrangeiro cantar meu samba. E com meu samba no estrangeiro eu vou pagar o que te devo, sacou? Lã fora eles pagam muito, sacou? E pagam em dólar, sacou?

NUM DÔ - Saquei, saquei... Cê quer dizer que nós somos cara e coroa da mesma moeda, não é? No fundo, somos farinha do mesmo saco, não é?

POETA - É... É mais ou menos isso...

NUM DÔ - O que vale um vale o outro, não é?

POETA - É por aí...

NUM DÔ - Tanto vale o mendigo quanto o ladrão, né?

POETA - Também não é assim, porra. Não tripudia não. Dã logo essa grana!

NUM DOU - Não dou.

POETA - Não dã?

NUM DÔ - Não dou.

Plínio caminha agora em direção ao Poeta. Este fica paralizado.

.....

SEQ. 57 - int./noite - PORTARIA DO EUGÊNIO - PLÍNIO E POETA

Encontro de Plínio e Poeta. Tensão, que Plínio civilizadamente des faz. Assistiu a conversa do Poeta com Num Dô e está disposto a financiar a viagem do Poeta. Poeta, enciumado, pergunta por Marina e Plínio confirma a viagem. Poeta aceita proposta de Plínio e manda Jackson embora.

SEQ. 58 - int./noite - PLÍNIO E POETA - CASA DE MARCELLO

Número musical de Plínio e Poeta, confirmando o acordo financeiro.

SEQ. 59 - int./noite - POETA FAZ AS MALAS

Poeta arrumando as malas em seu quarto. Marina chega e diz que está disposta a enfrentar qualquer ameaça por ele. Poeta mostra passagem Marina entende toda operação de Plínio e esculhamba o Poeta. Brigam Poeta saindo encontra Carioca.

CARIOCA - Poeta, onde é que tu vai?

Poeta finge que não o reconhece e segue seu caminho.

CARIOCA - Poeta, não tá me ouvindo? Onde é que tu vai?

POETA - Vou embora.

CARIOCA - Vai o que? Não diga besteira, Poeta!

POETA - Tira a mão de cima de mim.

CARIOCA - Poeta, tu não pode... Tem que segurar a barra aqui com a gente!

POETA - A barra é tua. Te vira...

CARIOCA - Ô, Poeta, o amor não pode fazer isso com uma pessoa. Amor não é isso. Se amor é assim, amor é ruim. E amor nunca foi ruim, Poeta.

POETA - Sabe de uma coisa? Eu quero que você se foda. Você, o seu amor, a sua gente, a sua barra, esse moleque aí, a sua cidade, o Cristo Redentor, a praia de Ipanema, o morro da Mangueira, a Serra do Mar, o Rio São Francisco, o Cruzeiro do Sul, eu quero que tudo se foda! E já disse pra tirar a mão de cima de mim!

Poeta empurra Carioca com violência e sai.

CARIOCA - Não vai. Vinicius, tu vai se arrepender! Conversa comigo! Porra, Poeta, eu te dei nome de Poeta. Tu não merece mais esse nome. Tá desbatizado! Me ouviu, Vinicius? Poeta! Tu vai sofrer, Poeta!

Marina assiste ao final da cena.

CARIOCA - A culpa é tua, menina, que virou a cabeça dele.

MARINA - Você nunca gostou de mim, Carioca!

CARIOCA - Que isso, menina, eu acho que você gosta do Poeta de verdade, eu já vi que gosta... Mas gosta enquanto tiver graça, é novidade e tal. Eu sei como é. Moça criada feito você, entra na vida como quem entra em restaurante francês, com serviço de garçon, menu, guardanapo e tudo. Enjoou do prato, pede outro, devolve o outro pela metade, esculhamba o chefe, manda passar o bife diz que o vinho não tem sabor, vai embora sem comer. Você é de outra tribo, garota e não vai ficar aqui mais não... Você estragou o Poeta e

SEQ. 59 - int./noite - POETA FAZ AS MALAS - continuação

vai acabar estragando muito mais. Vai viajar com tua família. Teu lugar não é aqui não!

Marina olha para Carioca, chorando, e sai.

SEQ. 60 - int./noite - MARINA PROCURA NA BOITE

Marina caminha desorientada pelas ruas da cidade. Aos poucos começamos a ouvir a voz do Poeta cantando a música que marcou o início do namoro dos dois. Marina é atraída pela voz até a porta da boite. Agora, ouvimos a canção em seu volume máximo. Marina tenta entrar na boite repleta. Marina vai rompendo o bloqueio entre os casais, a caminho de onde presume encontrar o Poeta. Depois de muitos empurrões, chega à cabine de som, quando vê girar o disco do Poeta. Dividida entre a emoção de ver o primeiro exemplar do disco numa vitrola e a decepção de não encontrar seu amado. Marina sai da boite como pode.

SEQ. 61 -

- VOLTA À RUA DOS BEIJOS

Sempre ao som daquela música, Marina repete o caminho que percorreu com o Poeta em sua primeira noite, até a praia.

SEQ. 62 - int./noite - DESPEDIDA GERAL

Apartamento de Eugênio, Prontos para viajarem. Dr. Eugênio e D. Olga despedem-se de Jackson, Maria Moita, Nazaré, Waldir e Mendonça. Num Dô sai com malas.

JACKSON - O doutor não repara não? No primeiro dia que a gente se vimos, eu aliviei o doutor nuns vinte pau e num relógio dourado... Os vinte pau já era, mas o relógio... (tira o relógio de baixo da roupa)

EUGÊNIO - Então fica pra você, Jackson. Não vai sobrar no teu pulso?

Jackson coloca no pulso, orgulhoso.

JACKSON - Chocante!

Maria vai para o quarto conversar com Marina ainda desconsolada e suja de areia. Marina diz que está grávida. Número musical.

SEQ. 63 - int./noite - BOTEQUIM

Poeta e Carioca no botequim. Maria Moita chega com Jackson e encontra os dois com várias garrafas vazias na frente. Maria fala da conversa com Marina e diz que o avião ainda não deve ter saído.

SEQ. 64 - int./noite - GALEÃO

Dr. Eugênio, Olga e Marina se preparando para embarcar.

SEQ. 65 - ext./noite - GALEÃO

Onibus do Carioca invade a pista do Galeão. Poeta de porre. Carioca e Maria mandam Jackson correr. A família está subindo a escada do avião. Jackson, como nos velhos tempos, como um pivete. Quando tenta desviar de um grupo de rapazaes é preso

RAPAZ - É ele.

RAPAZ - Pega ladrão!

RAPAZ - O meu relógio!

Agarram Jackson e começam a surrã-lo. Do outro lado, vem chegando o onibus do Carioca que quase atropela os rapazes. Esses se dispersam e deixam Jackson deitado no asfalto. Carioca e o Poeta, sū bitamente sóbrios, saltam do onibus.

SEQ. 66 - ext./noite - GALEÃO

Carioca e Poeta aproximam-se do corpo de Jackson, sem saber o que fazer. Pelo outro lado, vem chegando Marina, Eugênio e Olga. Dr. Eugênio chega e toma o pulso do garoto. Parece desenganado. Marina e Poeta aproximam-se. Jackson pisca o olho para a câmara. Marina e Poeta, cantando, reconciliam-se.

SEQ. 67 - ext./dia - HELIPORTO

Casamento.